UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO (POSGRAP)
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA (PROFHISTÓRIA)

MARISTELA SIRQUEIRA CARVALHO

IDENTIDADE NEGRA POSITIVA E ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO ESTADUAL POETA JOSÉ SAMPAIO DE CARMÓPOLIS-SE (2014-2022)

São Cristóvão/SE
2023

MARISTELA SIRQUEIRA CARVALHO

IDENTIDADE NEGRA POSITIVA E ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO ESTADUAL POETA JOSÉ SAMPAIO DE CARMÓPOLIS-SE (2014-2022)

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Andreza Santos Cruz Maynard

São Cristóvão/SE
2023

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Carvalho, Maristela Sirqueira.

C331i Identidade negra positiva e ensino de História no Colégio Estadual Poeta José Sampaio de Carmópolis, Sergipe (2014-2022) / Maristela Sirqueira Carvalho; orientadora Andreza Santos Cruz Maynard. – São Cristóvão, SE, 2023.

87 f. : il.

Produto técnico (mestrado profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. História – Estudo e ensino. 2. Didática. 3. Material didático. 4. Racismo. 5. Preconceitos. 6. Aprendizagem ativa. I. Maynard, Andreza Santos Cruz, orient. II. Título.

CDU 930.2(813.7)

MARISTELA SIRQUEIRA CARVALHO

IDENTIDADE NEGRA POSITIVA E ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO ESTADUAL POETA JOSÉ SAMPAIO DE CARMÓPOLIS-SE (2014-2022)

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Andreza Santos Cruz Maynard

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Andreza Santos Cruz Maynard (Presidente)

COLÉGIO DE APLICAÇÃO/ PROFHISTÓRIA- Universidade Federal de Sergipe

_____

Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard (Avaliador interno)

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA/ PROFHISTÓRIA- Universidade Federal de Sergipe

_____

Profa. Dra. Clotildes Farias de Sousa (Avaliadora externa)

SEED-SEDUC/SE/CESAD- Universidade Federal de Sergipe

São Cristóvão/SE
2023

DEDICATÓRIA

À minha família, minha base e fortaleza!

AGRADECIMENTOS

A Deus, força Suprema, responsável por minha existência, que me ajudou a enfrentar as dificuldades e provações da vida.

A minha mãe, Jovenilde, pelo apoio que dedicou a suas filhas desde a nossa infância.

Aos meus irmãos, Daniel, Josebeth e Ticiana, pelo companheirismo, amor e auxílio nas horas mais difíceis.

Ao meu esposo Heller, pelo apoio e pela paciência as minhas ausências; e, por cuidar da nossa pequena Marianna, a quem dedico todo o meu carinho, por cada sorriso, "mamãe eu te amo" e "você consegue, mamãe".

A todos os meus amigos do Colégio Estadual Poeta José Sampaio e em especial a Nataniel e Jandira pela ajuda nos momentos de desespero; Valdirene e Edilea, pelo sonho compartilhado, e, a equipe gestora do CEPJS Denise, Priscila, Márcio e Selma, por entenderem as minhas ausências, não teria conseguido sem vocês.

Aos meus colegas do ProfHistória! Com muito carinho: Ruy, Lídia e Leila, que sempre tiveram uma palavra de carinho e incentivo a todos da turma; as minhas companheiras de final de curso Midiane e Caroline.

Aos professores do ProfHistória pelo conhecimento adquirido, atenção e carinho, pois os anos de 2020 e 2021 foram um pesadelo em nossas vidas, com a covid-19 que não levou somente os nossos entes queridos, mas a nossa maneira de viver a vida. Tivemos que nos reconstruir por diversas vezes e o apoio de vocês foi inspirador.

À minha querida orientadora Profª Dra. Andreza Santos Cruz Maynard que sempre teve muita paciência e não desistiu de mim.

A todos que me ajudaram a construir esta dissertação, mas também a aprender a valorizar as coisas mais simples e agradáveis da vida.

Obrigada!

“[...] Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem, ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”

Nelson Mandela.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é demonstrar a importância do projeto “Consciência Negra” do Colégio Estadual Poeta José Sampaio no processo de construção identitária dos alunos do município de Carmópolis (SE) e perceber como o Ensino de História pode contribuir com o desenvolvimento de uma identidade negra positiva, transformando o aluno em protagonista de sua história. Utilizaremos neste trabalho a metodologia qualitativa através de leituras bibliográficas e do estudo de ações sociais individuais e grupais. As fontes a serem utilizadas nesta pesquisa serão os documentos da escola, tais como: ofícios, decretos, portarias e o uso de fotografias fornecidas pela coordenação da escola, das edições anteriores do projeto escolar. A pesquisa teve como base a articulação entre os conceitos acadêmicos e o saber docente, bem como a elaboração de um produto didático/pedagógico que é o manual didático para professores sobre como trabalhar os temas Racismo, Preconceito, Identidade positiva e Empoderamento da mulher negra. Sequências Didáticas (SD) possibilitam a integração do discente na discussão sobre identidade, pertencimento e ressignificação de sua cultura.

Palavras-chave: Ensino de História; Identidade Negra; Racismo na Escola; Empoderamento Negro.

ABSTRACT

The aim of this work is to demonstrate the importance of the "Black Consciousness" project at the Poeta José Sampaio State College in the process of building the identity of students in the municipality of Carmópolis (SE) and to understand how history teaching can contribute to the development of a positive black identity, transforming students into protagonists of their own history. In this work we will use qualitative methodology through bibliographical readings and the study of individual and group social actions. The sources to be used in this research will be the school's documents, such as: official letters, decrees, ordinances and the use of photographs provided by the school's coordinators from previous editions of the school project. The research was based on the articulation between academic concepts and teaching knowledge, as well as the development of a didactic/pedagogical product which is a teachers' manual on how to work with the themes of Racism, Prejudice, Positive Identity and Empowerment of Black Women. Didactic sequences (DS) make it possible to integrate students into discussions about identity, belonging and the re-signification of their culture.

Keywords: History Teaching; Black Identity; Racism in School; Black Empowerment

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Sergipe com destaque ao município de Carmópolis

Figura 2 - Fachada do Colégio Estadual Poeta José Sampaio em 2022

Figura 3 - Logomarca do projeto 2016

Figura 4 - Logomarca do projeto 2017

Figura 5 - Sarau do Projeto “Consciência Literária” de 2017- declamação de poesia

Figura 6 - Sarau do Projeto “Consciência Literária” de 2017 - música

Figura 7 - Desfile da Bbeleza Negra” 2016

Figura 8 - Desfile da “Beleza Negra” 2016

Figura 9 - Desfile da “Beleza Negra” 2019

Figura 10- Grafite na escola 2016.

Figura 11- Grafite na escola 2016.

Figura 12- Book de empoderamento da beleza negra- 2016

Figura 13- Book contra o racismo – 2016

Figura 14- Book contra o preconceito religioso - 2016

LISTA DE QUADROS

Tabela 1- Quadro de Equipes

Tabela 2- Atividades e pontuações do Projeto da “Consciência Negra”

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CEPJS- Colégio Estadual Poeta José Sampaio

CNE - Conselho Nacional de Educação

DRE04- Diretoria Regional de Educação

EJAEM- Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio

LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação

MDPH - Manual Didático para Professores de História

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PROFHISTÓRIA - Mestrado Profissional em Ensino de História

UFS - Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

CAPÍTULO I..... 21

IDENTIDADE NEGRA NAS ESCOLAS.....21

1.1 O QUE É IDENTIDADE?..... 22

1.2 – O QUE É IDENTIDADE NEGRA BRASILEIRA? 24

1.3- OS DESAFIOS DA IDENTIDADE NEGRA POSITIVA NA ESCOLA: RACISMO E APLICAÇÃO DA LEI 10.639/2003..... 26

CAPÍTULO II 28

2.1- PROJETO PEDAGÓGICO DA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA DO COLÉGIO ESTADUAL POETA JOSÉ SAMPAIO 28

CAPÍTULO III 41

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA..... 41

APÊNDICE.....47

INTRODUÇÃO

Este texto resulta da pesquisa a qual é embasada na minha experiência como professora de História na educação básica em Sergipe, a partir de 2014, quando fui lotada na Diretoria Regional de Educação 04(DRE04), que compreende os municípios de Carmópolis, General Maynard, Rosário do Catete, Japaratuba, Capela, Siriri, Pirambu, Santa Rosa de Lima e Divina Pastora[1]. Nessa região historicamente ligada à produção da cana de açúcar e à prática escravista, é forte entre as pessoas esconder ou até mesmo renegar da sua cultura e a sua memória, sendo enraizada na sua história a negação da cultura negra em detrimento à branca, uma forma de branqueamento da população que ainda perdura até os dias atuais.

Figura 1: Localização de Carmópolis no mapa de Sergipe

Fonte: google.com. Acesso em: 10 de 08 de 2023

Minha atuação no magistério permitiu observar e interagir com os alunos e seus familiares. Eu percebi que a população dessa região carrega em si um estigma bastante doloroso de séculos de preconceito e racismo que deturparam a sua visão de identidade, principalmente no que diz respeito à identidade negra africana e afro-brasileira. Suas falas de preconceito com os cabelos crespos das meninas, ou pelos lábios mais grossos do colega que lhe rendiam

[1] No ano de 2014 a Diretoria Regional de Educação 04 era composta pelos municípios de Maruim, Rosário do Catete, Pirambu, General Maynard, Carmópolis, Japaratuba(sede), Capela e Muribeca, sendo que em meados dos do ano de 2020 a SEDUC resolveu realocar os municípios de acordo com demandas internas.

apelidos como “boca de tuite”, cabeça de “piaçava”, era comportamento que também se aplica aos alunos da Escola Estadual Poeta José Sampaio na cidade de Carmópolis.

Durante meu primeiro ano lecionando nas escolas dos municípios de General Maynard, Colégio Estadual Maria Conceição de Santana, e em Carmópolis no Colégio Estadual Poeta José Sampaio (CEPJS), eu percebi o empenho dos professores e escolas para trabalhar os assuntos relacionados à cultura africana e afro-brasileira, como determina a Lei 10.639/03. Muitos temas eram debatidos entre os professores e repassados para o alunado em forma de debates e palestras. A Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira nas escolas de educação básica, resultou de vários processos de luta e empenhos dos movimentos sociais negros pela inclusão da história dos africanos e da população negra brasileira na educação.

Na lei, foi estabelecido o dia 20 de novembro, dia da morte do líder quilombola Zumbi dos Palmares[2], para celebrar o “dia da Consciência Negra” em todo o país. Foi nesse momento que pude conhecer o projeto do Colégio Estadual Poeta José Sampaio que me chamou bastante atenção; um projeto grande e bastante audacioso, que já passou e passa por diversas modificações, mas a sua essência permanece a mesma, trazer significado, orgulho da identidade negra, pois o aluno precisa se sentir parte da cultura em que está inserido e ressignificá-la.

O objetivo deste trabalho é demonstrar a importância do “Projeto da Consciência Negra” da Escola Estadual Poeta José Sampaio no processo de construção identitária dos alunos afrodescendentes, principalmente da escola pública, e perceber como o Ensino de História pode ajudar a desenvolver uma identidade negra positiva, transformando o aluno em agente produtor/construtor de sua história.

Utilizaremos neste trabalho a metodologia qualitativa, a qual de acordo com Martins (2004, p.1)[3], “[...] a pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de micro processos, através do estudo de ações sociais individuais e grupais”. Sendo necessário fazer as devidas observações e intervenções necessárias para a compreensão dos fatos e ações que impulsionaram a formação da identidade negra e suas transformações com o passar do tempo e o surgimento de novas interpretações. Coerentemente,

[2] Zumbi dos Palmares foi o líder da resistência negra do Quilombo dos Palmares, localizado ao sul da Capitania de Pernambuco, na região do atual Estado de Alagoas. Zumbi nasceu livre dentro do Quilombo, provavelmente por volta de 1655. Em 1678 ele assume a liderança do Quilombo dos Palmares, resistindo por vários anos às invasões das tropas do governo, mas no ano de 1694 o quilombo foi destruído. No dia 20 de novembro Zumbi foi capturado e decapitado, tendo sua cabeça exposta em praça pública.

[3] MARTINS. Heloísa Helena T. de Souza. Metodologia quantitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago.2004.

> [...] A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21-22).

As fontes a serem utilizadas nesta pesquisa foram os documentos da escola, tais como: ofícios, decretos e portarias e o uso de fotografias fornecidas pela coordenação da escola. Das edições anteriores do projeto escolar vamos construir/reconstruir quatro sequências didáticas que possam nos ajudar a estimular o aluno a se integrar na discussão sobre identidade, pertencimento e ressignificação de sua cultura, para uma construção positiva de uma identidade negra.

Partindo desse ponto, indagaremos sobre o papel do Ensino de História na construção dessa identidade negra. Para isso, consultamos o banco de dados do Profhistória e da CAPES, tomando como referência quatro dissertações, as demais que tratavam da temática de Identidade Negra estavam ligadas a comunidades quilombolas, as quais não se identificavam como Negros, justamente pela falta de conhecimento da trajetória de seus antepassados e a sua própria realidade.

A dissertação de Clenia de Jesus Pereira dos Santos[4] trata sobre a identidade negra no contexto escolar. A situação investigada foi uma escola municipal na cidade de São Luís, denominada: "Unidade de Educação Básica Darcy Ribeiro". O estudo teve como objetivo investigar como a escola desenvolve os conteúdos curriculares sobre a história e a cultura afro-brasileira e africana através de um projeto denominado “A Cor da Cultura”, tendo como produto final um manual de sequências didáticas que orientam professores a utilizarem os livros do projeto citado como suporte didático para a explanação do conteúdo de forma lúdica.

A dissertação de Maria Dalva da Conceição[5] merece destaque por conseguir salientar a construção da Identidade negra em escolas de comunidades quilombolas, tendo como objetivo principal a análise de processos de reconhecimento e afirmação da identidade negra, entre estudantes da Escola de Ensino Médio José Alves de Figueiredo, no município de Crato – CE,

[4] SANTOS, Clenia de Jesus Pereira dos. A identidade negra no contexto escolar: um estudo na Unidade de Educação Básica Darcy Ribeiro. 2018. 307f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

[5] CONCEIÇÃO. Maria Dalva da. Por identidade e pertença: processos de autorreconhecimento e afirmação da identidade negra entre estudantes da Escola José Alves de Figueiredo Crato-CE (2011-2018). 2018. 178f. Dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História. Crato, Ceará.

buscando compreender o processo de ressignificação positiva do termo *negro* no Brasil e as lutas por inserção socioeducacional da população negra brasileira. Enfatiza processos de empoderamento e autoafirmação, a autora consegue desenvolver sequências didáticas para promover a ressignificação e o sentimento de pertencimento dos alunos as suas respectivas comunidades.

Destaco também a dissertação de Manoel Henrique Santos Silva Júnior[6], que analisa a construção identitária afrodescendente em duas escolas de Sergipe, localizadas no Vale do Cotinguiba, nos municípios de General Maynard (Colégio Estadual Prof.ª Maria Conceição de Santana) e em Maruim (Colégio Estadual Felipe Tiago Gomes), ambos com um intenso fluxo de escravos por conta da produção do açúcar. Em seu trabalho, ele cita o enraizamento da identidade negra construída pelos brancos, em sua maioria descendentes de senhores de escravos, no qual existe uma manipulação da realidade reforçando uma história de submissão e inferiorização do negro.

Na dissertação de Jeuédne Eufrázio Araújo de Queiroz[7], intitulada de "A aplicabilidade da Lei 10.639/03 no processo de construção identitária numa escola quilombola em São José da Tapera – Alagoas", o autor se propõe a analisar a aplicabilidade da Lei 10.639/2003 (que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas redes públicas e particulares da educação no Brasil) e suas contribuições para a formação da identidade e cultura dos alunos. As reflexões registradas nesse trabalho contribuíram para a organização de uma cartilha, denominada de "Sim! Há quinze anos temos uma Lei!", material didático criado para ajudar aos professores de áreas afins a lidarem com a aplicação da Lei.

Tais dissertações serviram de suporte para a minha escolha sobre os principais conceitos discorridos nesse texto. Para o conceito de identidade utilizaremos os teóricos Stuart Hall, onde o autor compreende a identidade como um conjunto de cultura em constante modificações, ou seja, está atrelada ao multiculturalismo, ressignificando o seu sentido. E o pesquisador Kabengele Munanga que trabalha com o conceito de identidade negra positiva nas escolas, onde

[6]JUNIOR. Manoel Henrique Santos da Silva. Ensino de história e a construção identitária afrodescendente em escolas no baixo Cotinguiba sergipano. 2018. 147f. Dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História. São Cristóvão, Sergipe.

[7] QUEIROZ. Jeuédne Eufrázio Araújo. A aplicabilidade da Lei 10.639/03 no processo de construção identitária numa Escola Quilombola em São José da Tapera- Alagoas. 2018. 238 f. Dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História. São Cristóvão, Sergipe.

o autor elenca atitudes de depreciação da etnia negra e como as escolas podem ajudar na reconstrução cultural desses alunos.

O conceito de identidade já foi escrito e reescrito por diversas vezes durante a história, sempre ligada a uma ideologia que pudesse servir de base para a sua fundamentação. A ideia nesse trabalho é mostrar a ideia de identidade ligada aos conceitos de Stuart Hall (2000), o qual trabalha a identidade como algo em constante construção, pois ela está sempre se transformando, seja pela inclusão de outros elementos culturais inseridos no cotidiano da comunidade ou pela ressignificação de seus elementos culturais.

> [...] O que denominamos "nossas identidades" poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos "viver", como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (HALL, 2000, p.56).

Experiência única não significa "identidade única", sendo assim na busca pela universalização da cultura, investe-se na construção de uma identidade única, sem diversidade, um modelo a ser seguido pela sociedade, tanto na individualidade, quanto nas ações cotidianas nos vários espaços de socialização humana. No Brasil, a mestiçagem é a expressão mais popularmente utilizada para demonstrar a busca por uma identidade nacional, racial e cultural singular (MUNANGA, 1999).

No que diz respeito à cultura negra e suas identidades, situam-se no campo da diáspora e da hibridização, o que significa que na cultura popular negra, em termos etnográficos, não há pureza (HALL, 2003). A mestiçagem levanta o tema do não puro, uma ideologia de branqueamento, onde a sociedade deveria se misturar para descaracterizar a descendência africana tornando-se mais branco ou superiores, limpando a sociedade das impurezas, incentivando uma visão de afastamento da identidade negra, que é construída a partir de uma consciência histórica e política da qual ele é desvinculado[8].

Dessa forma, é necessário que se construa a identidade na diversidade. Sendo que na cultura negra, essa diversidade é percebida através da ancestralidade e de suas tradições, que vão sendo ressignificadas. A identidade negra se constrói na resistência do povo negro contra

[8] O mestiço brasileiro simboliza plenamente essa ambiguidade cuja consequência na sua própria definição é fatal, num país onde ele é de início indefinido. Ele é ―um e outro‖, ―o mesmo e o diferente‖, ―nem um nem outro‖, ―ser e não ser‖, ―pertencer e não pertencer‖. Essa indefinição social – evitada na ideologia racial norte-americana e no regime do apartheid –, conjugada com o ideário do branqueamento, dificulta tanto a sua identidade como mestiço, quanto a sua opção de identidade negra (MUNANGA,1999, p. 126.)

toda e qualquer forma de discriminação racial, o qual vai se transformando. Essa consciência vem à tona através de relações e ações políticas que promovem o conhecimento e a valorização dessa identidade. É preciso vencer a segregação racial que favorece a cultura branca em detrimento da negra e, consequentemente, revela o racismo, muitas vezes de maneira velada.

O maior problema da população no Brasil é a dificuldade para entender e interpretar as manifestações do nosso "racismo à brasileira" (TELLES, 2003), por causa de suas particularidades que o distingue das outras formas de manifestações de racismo que se é praticado e repassado por nossa sociedade. Além disso, há um forte sentimento dentro das pessoas que as induzem a achar que não somos racistas, apenas pelo fato de não criarmos mecanismos violentos de segregação racial como o Apartheid[9] na África do Sul e a "Era Jim Crow" nos Estados Unidos da América[10]. Esse sentimento é o que costumamos chamar de "mito de democracia racial brasileira" (FERNANDES, 2008)[11], que funciona como uma crença embasando a ideologia de meritocracia, onde todos podem se destacar independente das condições que estão inseridos.

Assim como o conceito de raça foi criado para classificar as diversas espécies existentes no planeta através de suas características de similaridade e diferença, podemos dizer que o conceito acaba por ser adulterado e utilizado para legitimar o então criado conceito de racismo, que estão associados ao pensamento de superioridade de uma determinada raça em prejuízo de outra, tornando-se assim uma ideologia intrínseca na sociedade, mesmo com o avanço da biologia genética e de conceitos antirracistas essas associações ainda são cometidas e reproduzidas. A associação entre a raça e as questões como inteligência, honestidade entre outras qualidades físicas também vão ganhando adeptos, tornando cada vez mais difícil a construção de uma identidade positiva em uma determinada comunidade, no nosso caso de estudo, a comunidade negra na escola, onde há muitas vezes a reprodução, não intencional, das práticas corriqueiras do preconceito (parece

[9] O Apartheid foi um sistema de segregação racial instituído na África do Sul em 1948 pelas elites brancas que controlavam o país e sustentava-se no mito da superioridade racial europeia. Baseando-se na crença de que os brancos europeus eram superiores aos negros e outras etnias, os brancos acreditavam que deveriam viver separados.

[10] A **Era Jim Crow** teve início quando foram decretadas leis estaduais para os estados do Sul dos Estados Unidos da América. Essas medidas definiram que as escolas públicas e a maioria dos locais públicos (entre eles, trens e ônibus) apresentassem instalações diferentes para brancos e negros. As leis de Jim Crow vigoraram entre os anos de 1876 e 1965.

[11] FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes: o legado da "raça branca". V. 1. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2008a.

que inconsciente) seja ele de cunho racial ou social, tais como: “preto burro”, “só podia ser preto” e “alisa esse cabelo de pinchaim”.

Nesse trabalho os conceitos são desenvolvidos em dois capítulos: No capítulo1, intitulado “Identidade Negra nas escolas”. Neste momento farei uma revisão bibliográfica de conceitos essenciais para este trabalho, tais como, *raça, etnia, identidade e identidade negra,* como também farei uma breve revisão historiográfica sobre as lutas do movimento social negro, por ressignificação e afirmação positiva da negritude e políticas afirmativas de inserção educacional.

O capítulo 2 denominado de “Os desafios da identidade negra positiva na escola: racismo e aplicação da lei 10.639/2003” onde apresento o “Projeto da Consciência Negra” do CEPJS e suas atividades para a construção de uma identidade positiva, relacionando isto à constância histórica das questões do branqueamento, da mestiçagem e da branquitude, como elementos políticos de negação e opressões da identidade negra.

No capítulo 3, intitulado “Sequências Didáticas para o Ensino de História Afro-Brasileira”, apresento o produto do trabalho, através de um manual didático, contendo quatro sequências didáticas que foram planejadas e desenvolvidas com as turmas dos 8º anos do Ensino Fundamental Anos Finais. O manual didático em questão conta com as seguintes sequências didáticas: A primeira sequência didática intitulada “Existe Racismo no Brasil?”; a segunda, “O Sincretismo Religioso no Brasil”; a terceira, “Empoderamento da Mulher Negra no Brasil”; e, por último, a quarta sequência didática denominada de “Movimentos Negros no Brasil”.

Almejo que este trabalho possa servir significativamente para aprofundamento e entendimento sobre os efeitos do racismo no espaço escolar, incentivando a construção de práticas e ações coletivas cotidianas, de combate e desconstrução do racismo e das diversas práticas de exclusão em torno dele.

CAPÍTULO I

IDENTIDADE NEGRA NAS ESCOLAS

O conceito de raça foi criado durante a Idade Moderna Europeia para justificar a dominação entre os povos existentes naquela região, com o passar do tempo essa ideia passa por algumas modificações até chegar ao conceito, amplamente, divulgado, que serviu para legitimar a comercialização e posteriormente o extermínio de seres humanos. De acordo com o pesquisador Kabengele Munanga (2000, p. 17), "etimologicamente, raça "veio do italiano razza que, por sua vez, veio do latim ratio, que significa sorte, categoria, espécie". Em sua pesquisa Kabengele Munanga (2000) percebe que nesse período acreditava-se que a "genealogia" era responsável pela transmissão de características inatas, de habilidades herdadas pelo "sangue puro". Podemos destacar que não havia entre esses grupos diferenças morfológicas notáveis, ou seja, o conceito servia apenas para corroborar a dominação política e as desigualdades entre senhores e escravos.

Nessa perspectiva de Munanga (2000), foi durante o no século XVIII, designado historicamente como o "Século das Luzes", que a cor da pele foi selecionada como critério de classificação entre os tipos humanos. A partir dos avanços da ciência, hoje, sabemos que as características físicas como a cor da pele e o tipo dos cabelos são definidos pela concentração de melanina, fato até então desconhecido na época. É nesse contexto que se localiza o princípio da divisão da espécie humana "[...] que resiste até hoje no imaginário coletivo e na terminologia científica: raça branca, negra e amarela" (MUNANGA, 2000, p. 19). No entanto os naturalistas do período não se limitaram a apenas classificar os tipos humanos, caracterizando-os em função de suas características físicas, eles também hierarquizaram suas classificações, estabelecendo escalas de valores eurocêntricos.

Os cientistas da época criaram afinidades entre os aspectos morais, tais como as relações psicológicos, culturais e intelectuais com os marcadores físicos, dos indivíduos de raças diferentes, desenvolvendo assim um tipo de superioridade da moral, da inteligência e da cultura branca europeia em detrimento de outros povos, principalmente dos que possuíam a pele mais escura. Estavam os brancos aptos, amparados em sua propalada superioridade, a "dirigir e dominar as outras raças" (MUNANGA, 2000, p. 21).

A obra de Darwin[12] sobre a evolução das espécies e muito de seus conceitos foi amplamente utilizada pelas outras ciências, tais como a psicologia, a sociologia, a pedagogia e a história. Nesse período, desenvolve-se o evolucionismo social que favorecem os conceitos de civilização e progresso. Os evolucionistas acreditavam em estágios "únicos e obrigatórios, monogenismo[13]", apropriados para toda a humanidade, uma evolução única e linear sempre em direção ao último estágio do progresso. A teoria de Charles Darwin constituiu uma espécie de modelo a ser seguido na época.

Nesse contexto, dois conceitos ganharam destaque na teoria do evolucionismo social, são eles o determinismo geográfico e o racial. No primeiro, considera-se a tese de que as condições climáticas determinam o desenvolvimento cultural dos povos. Já o segundo nega a possibilidade de evolução social das populações descritas como atrasadas. O de darwinismo social ou teoria das raças e suas classificações, estabelecendo escalas de valores profundamente enraizadas em uma superioridade da raça branca, sendo que as demais raças nunca poderiam chegar a um progresso maior e de maneira deferente do caminho percorrido pela raça branca, desprezando qualquer tipo de cultura desenvolvida por outras raças e sua evolução civilizatória.

1.1 O QUE É IDENTIDADE?

> As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um posicionamento. Donde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa "lei de origem" sem problemas, transcendental (HALL, 2006, p. 70).

O conceito de identidade nasce como uma forma de subjugar e ao mesmo tempo enaltecer pessoas, raças, Estados, etc, podendo ser utilizada como uma maneira de alienação da história do indivíduo e com a mesma intensidade transformar a história em verdades absolutas, ou seja, dominar o ser humano por sua falta de conhecimento histórico seja ela

---

[12] Charles Robert Darwin nascido na Inglaterra em 12/02/1809 e faleceu em 19/03/1882) foium naturalista, geólogo e biólogo célebre por seus avanços sobre evolução nas ciências biológicas. Em seu livro, *A Origem das Espécies*, de 1859, Darwin estabeleceu a ideia que todos os seres vivos descendem deum ancestral em comum e propôs a teoria de que os ramos evolutivos são resultados de seleção natural e sexual, onde a luta pela sobrevivência resulta em consequências similares às da seleção artificial.

[13] MONOGENISMO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: https://www.dicio.com.br/monogenismo/. Acesso em: 05/06/2023.

por diversos motivos, mas o mais utilizado pelo homem é a destruição e até mesmo a deturpação da história do outro, sempre difamando a construção cultural do outro.

As problemáticas acerca da identidade negra se apresentam a partir da negação a que essa identidade foi construída, sendo uma consequência direta de atitudes racistas e preconceituosas que os negros vivenciam diariamente. O tipo de racismo comumente difundido para justificar a exploração do negro fez com que a sua cultura e o seu fenótipo negro fossem rejeitados muitas vezes pelos próprios negros, tornando cada vez mais difícil assumir essa identidade, sendo que assumir essa identidade traz consigo todo um significado pejorativo, ou seja, um estigma de povo violento, preguiçosos, de má conduta moral e por fim de acordo com as interpretações equivocadas da "Bíblia Sagrada", carregavam a marca do pecado[14]. Esse processo de branqueamento cultural/social onde os símbolos da cultura africana e afro-brasileira foram transformados em signos demoníacos impedia que os negros se orgulhassem de sua história e consequentemente de sua identidade negra. De acordo com Munanga (2005, p. 23):

> A ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que, internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, o indivíduo estigmatizado tende a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos.

O discurso da superioridade racial eurocêntrica em contraponto as demais etnias, fez com que o preconceito racial contra os negros fosse difundido e se perpetuado apesar de toda resistência dos negros, seja na época da escravidão, seja na atualidade, hoje com uma visibilidade maior os movimentos negros defendem uma vida mais igualitária e com as mesmas condições de oportunidade de crescimento para ambos. Tentando manter sua identidade livre da discriminação, fortalecendo a cidadania do seu povo, fazendo com que a sociedade enfim, reconheça o seu legado e faça com que as futuras gerações não precisem passar pela desventura de ter seus direitos negados e de serem impedidos de conseguir um maior retorno financeiro dentro das suas respectivas profissões.

A Lei 10.639/2003 altera significativamente os artigos 26 e 79 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (nº 9.394/96). Essa lei foi fruto de décadas de luta dos movimentos negros, um grande passo na tentativa de construir uma educação antirracista e ajudar a estabelecer o desenvolvimento de uma identidade negra positiva dos afrodescendentes.

[14] Por muito tempo a história de Caim e Abel, assim como a história de Noé e seu filho Cam, ambos amaldiçoados a serem escravos serviu de alicerce para a escravização do povo negro, tido com o símbolo da marca do pecado.

1.2 – O QUE É IDENTIDADE NEGRA BRASILEIRA?

> O Brasil passa a se pensar a si mesmo como uma civilização hibrida, miscigenada, não apenas europeia, mas produto do cruzamento entre brancos, negros e índios. O "caldeirão étnico" brasileiro seria capaz de absolver e abrasileirar as tradições e manifestações culturais de diferentes povos que aqui imigram em diferentes épocas. (GUIMARÃES, 2012.p.117).

Ao abordar questões referentes ao preconceito racial sofrido pelos afrodescendentes, nos encontramos em um processo complexo que envolve vários fatores, os quais podemos destacar principalmente as questões políticas e econômicas que afetam diretamente as ações sociais imprescindíveis para corrigir as diferenças de oportunidade dentro da sociedade brasileira. Em seu livro o escritor Florestan Fernandes (2007) também defende a necessidade de uma integração entre esferas públicas, "[...] não poderá haver integração nacional, em bases de um regime democrático, se os diferentes estoques raciais não contarem com oportunidades equivalentes de participação das estruturas nacionais de poder" (p.51).

Durante a construção de uma identidade nacional brasileira, convencionou-se ampliar a ideia do Brasil ser um país onde existe uma *democracia racial*. Porém, como discute Fernandes (2007), tal concepção não tem nenhuma coerência e constitui uma realidade inexistente, que tende a encobrir os preconceitos normalizados em nossa sociedade. Essa ideia marca as características das pessoas em relação ao seu modo de pensare agir, favorecendo o surgimento de um preconceito racial que se alimenta da ideia de harmonia e igualdade entre negros e brancos, ocultando a verdadeira situação que a população negra vivencia em seu cotidiano.

> Como uma corrente ideológica racial que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto de racismo, afirmando que existem entre esses dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento. Esse mito pretende de um lado negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminação construídos sobre esse grupo racial. Se seguirmos a lógica desse mito, ou seja, de que todas as raças e/ou etnias existentes no Brasil estão em pé de igualdade sócio racial e que tiveram as mesmas oportunidades desde o início da formação do Brasil, podemos ser levados a pensar que as desiguais posições hierárquicas existentes entre elas devem-se a uma incapacidade inerente aos grupos sociais que estão em desvantagens, como um campo fértil para a perpetuação de estereótipos sobre os negros, negando o racismo no Brasil, mas, simultaneamente, reforçando as discriminações e desigualdades raciais (GOMES, 2005, p.57).

O mito da democracia racial mostra-se nefasto com a população negra em diversos sentidos. Inicialmente, dificulta a percepção das discriminações e desigualdades raciais, em seguida, desestimula o combate às práticas antirracistas desenvolvidas pelas ações sociais

do governo. E por fim todo o peso da desigualdade social é atribuído às capacidades e esforços pessoais, retirando das instituições públicas a sua responsabilidade de combater tais distorções sociais.

> Tal discurso consegue desviar o olhar da população e do próprio Estado brasileiro das atrocidades cometidas contra os africanos escravizados no Brasil e seus descendentes, impedindo-os de agirem de maneira contundente e eficaz na superação do racismo (Gomes, 2005, p. 56).

O Brasil foi o país a escravizar o maior número de africanos e a última nação das Américas a abolir a escravidão (SANTOS, 2001.p.72). Se analisarmos a situação da Abolição brasileira podemos concluir que não houve nenhum planejamento político para as questões sociais e econômicas, incitando ainda mais o preconceito existente sobre a cultura negra. Na época de promulgação da Lei Aurea, não havia nenhum plano voltado para a integração desses ex-escravos na sociedade brasileira. A mão de obra negra foi rapidamente substituída pela dos imigrantes europeus, e os brasileiros de origem africana foram abandonados à própria sorte (FERNANDES, 2007. p. 98). “Estes perderam o único ponto de referência que os associava ativamente à nossa economia e à nossa vida social”. Em consequência, viram-se convertidos em "párias' da cidade" (p. 56), tendo sido expulsos de seu lugar, mesmo que adverso; porém, um lugar em que desenvolveram raízes e estratégias de sobrevivência.

Ao negro restou apenas a possibilidade de se desenvolver como cidadão de segunda classe, resultando o desenvolvimento de uma identidade atrelada a valores considerados socialmente negativos, alimentados pelo preconceito e pela discriminação. A discriminação é geralmente ligada a uma forma encoberta, através de frases polidas e de eufemismos, alimentando a opinião de que no Brasil o preconceito não existe, o que evidentemente é uma mentira. Como diz Fernandes (2007), há uma "[...] confusa combinação de atitudes e verbalizações ideais que nada têm a ver com as disposições efetivas de atuação social" (p. 41).

Cabe ao ambiente escolar a iniciativa de se estudar e disseminar a cultura negra, assim como utilizar os dispositivos legais que nos dão o direito de fiscalizar a execução da lei e denunciar quando a mesma não esteja sendo cumprida.

A educação escolar se consolidou como protagonista na construção de uma sociedade mais igualitária e justa. Junto com esse protagonismo da escola e seus agentes nessa nova fase da educação dos negros no Brasil veio à necessidade de se pesquisar os fenômenos étnico-raciais que se revelam no ambiente escolar para tentar ajustar melhor as ações

pedagógicas que visam um melhor cumprimento da lei e, assim, cumprir o objetivo de maior inclusão social de grupos historicamente marginalizados. Novos paradigmas educacionais requerem novas investigações e novas formas de se pensar problemas que já se apresentavam antes, mas em contextos diferentes e que agora devem ser pensados à luz da contemporaneidade e das mudanças ocorridas.

1.3- OS DESAFIOS DA IDENTIDADE NEGRA POSITIVA NA ESCOLA: RACISMO E APLICAÇÃO DA LEI 10.639/2003

> Pensar a relação entre escola e identidade negra é questionar não só os negros sobre a questão racial, mas também os sujeitos que pertencem a outros segmentos étnicos/raciais com os quais eles convivem. A afirmação da negritude exerce pressão sobre o outro, em especial sobre o branco, e o questiona no seu suposto lugar de quem vive uma situação já dada e já conquistada, no seu suposto isolamento etnocêntrico e lhe revela quão impregnado o branco brasileiro está da negrura e das africanidades que muitos ainda insistem em negar (GOMES, 2003, p. 176).

Para falarmos de identidade se faz necessário destacar que o nosso processo de construção identitária envolve diversos marcadores, tais como, religião, etnia, gênero, sexo, entre outros, os quais nos representam como sujeitos históricos. Segundo Munanga, "[...] é através da educação que a herança social de um povo é legada as gerações futuras e inscritas na história" (MUNANGA,1986, p.23). A identidade é um processo social que se constitui de memórias, e construir uma memória positiva deve ser o primeiro passo para se estabelecer uma ressignificação de elementos culturais.

Ao analisarmos esses elementos culturais que abrangem as questões sociais e religiosas, o desconhecimento da sua história leva a negação e a marginalização da sua cultura, da sua ancestralidade, que são negadas enquanto legitimam a cultura eurocêntrica. O exemplo mais comum dessa falta de conhecimento se dá através das religiões de matriz africana, que ainda são demonizadas, o processo de assimilação de valores sociais e religiosos da sociedade brasileira é católico.

> Abandonada a assimilação, a libertação do negro deve efetuar-se pela reconquista de si e de uma dignidade autônoma. O esforço para alcançar o branco exigia total auto rejeição; negar a Europa será o prelúdio indispensável a retomada. É preciso desembaraçar-se desta imagem acusatória e destruidora, atacar de frente a opressão, já que é impossível contorná-la (MUNANGA, 1986, p.32).

Tais reflexões tendem a ressignificar as nossas construções de identidade docente, questionando o quanto o "poder simbólico [15] " influência nas discussões e produções curriculares, seja ela oficial ou oculta, que intensificam o legado do racismo, principalmente em ambientes escolares, ou o que acontece com a Lei Federal 10.639/03 que traz para os currículos e planos de aula a História da África e Afro-brasileira, dando voz a uma cultura rica em simbolismos e significados.

A Lei representa um questionamento para o currículo escolar, inserindo temáticas pouco ou quase nunca exploradas durante a formação do cidadão. Inserir no currículo os temas de história e cultura africana e afrodescendente é de extrema importância para as rupturas históricas, mas a formação e capacitação de professores que estejam em sala de aula também deve ser necessário, pois este deve aprender a desconstruir o racismo, se faz necessário "questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em tono dos quais elas se organizam" (SILVA, 2000, p. 83).

A aplicação da Lei Federal 10.639/03 caminha a passos lentos, pois muitas escolas ainda trabalham esses temas como atividades complementares aos conteúdos didáticos. Desse modo os professores precisam construir um elo entre o conteúdo e a vivência dos alunos, para que estes possam analisar a trajetória de seus antepassados e a sua atual realidade, permitindo aos alunos negros o reconhecimento e valorização de sua cultura e identidade, tornando-os indivíduos protagonistas na formação da sociedade brasileira.

Apesar da introdução da lei que traz em sua estrutura a obrigatoriedade do ensino, não houve uma proposta de política pública que viabilizasse a aplicabilidade da mesma, justamente pela ideologia de que o Brasil não é um país racista. O currículo escolar torna-se o principal mediador entre a lei e sua efetiva execução. No processo ensino aprendizagem, o professor se apresenta como mediador entre a formação dos indivíduos críticos e o contexto social, político e cultural em que o mesmo está inserido. Desse modo o professor precisa compreender seu papel como profissional da educação, o professor precisa intervir eprocurar promover a construção de identidades individuais e sociais diversas, contudo isso depende também do comprometimento das ações públicas sociais e educacionais. Coerentemente:

> Tem-se a ideia de que ser um profissional do ensino não é simples, pois é necessário considerar a intencionalidade da atividade docente, mas também não podemos esquecer que ser professor é se relacionar, é estar imerso nas relações interpessoais e se fazer delas para efetivar sua função (MENDES, 2015, p. 19).

[15] BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

Por fim, educar para as relações étnico-raciais envolve reflexões, diálogos, respeito e conhecimento sobre os estudos das histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas. Reconhecendo que as diferenças devem ser valorizadas como aspectos essenciais de ações pedagógicas humanas que contemplem a todos e a todas.

Educar para as relações étnico-raciais vai além de ajustar os livros didáticos para incluir história e cultura africana e afro-brasileira, de discussões de mudanças no currículo, de processos ideológicos de politização do professor, ou seja, a educação tem muito mais do que, as dimensões das identidades, das diversidades e das relações sociais devem ser dimensões presentes no trato com a educação para as relações étnico-raciais.

Associar a identidade negra com a educação requer estratégias pedagógicas que possam envolver um olhar sensível as africanidades que não estão presentes apenas na cor da pele ou no cabelo, mas na linguagem, no comportamento, etc, a escola precisa auxiliar nesse processo de conhecimento para que os negros sejam protagonistas da sua história, reeducar o olhar pedagógico para problematizar as questões raciais, desconstruindo esses símbolos impostos pela elite branca brasileira aos negros. O professor é um mediador ideológico e político, ou seja, ele precisa construir conhecimento necessário para colocar em prática uma pedagogia antirracista que possa ser eficaz na ressignificação da identidade negra.

CAPÍTULO II

2.1- PROJETO PEDAGÓGICO DA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA DO COLÉGIO ESTADUAL POETA JOSÉ SAMPAIO

Como uma forma de tentar diminuir a exclusão social aos quais os negros foram submetidos, principalmente após do final da escravidão no país, o Governo Federal instituiu em 2003, através da Lei 10.639/2003, a obrigatoriedade do Ensino de História africana e afro-brasileira na educação básica. Tendo por base o professor de história como o principal responsável pelo resgate e valorização dessas culturas relacionadas à negritude.

Uma das ferramentas utilizadas pelos professores para ajudar os estudantes na trajetória ao conhecimento da cultura africana e afro-brasileira são os projetos pedagógicos

realizados pela escola, uma forma de conciliar conteúdo e a vivência dos mesmos. Dessa maneira abrimos uma porta para o protagonismo dos/das estudantes fazendo com que eles, dentro de um contexto diferente de ensino/aprendizagem, tornem-se protagonistas[16] da sua história.

O projeto da Semana da Consciência Negra do CEPJS foi escolhido para ser objeto desse trabalho por conseguir tratar de diversas temáticas de uma forma simples, de fácil entendimento, transformando os alunos em protagonista da sua história, pois cada atividade tem por objetivo capacitar o pensamento crítico, para que eles possam transformar a sua realidade, aceitando e valorizando a sua cultura e suas características, sendo estes elementos importantes para formação da nossa identidade.

O Projeto Pedagógico da Semana da Consciência Negra visa ressignificar a identidade negra dos estudantes da Escola Estadual Poeta José Sampaio, potencializando sua autoestima e sentimento de pertencimento[17] a determinada comunidade. Através da análise iconográfica das atividades desenvolvidas pelos docentes durante o Projeto Pedagógico do CEPJS[18] , organizamos quatro sequências didáticas com o objetivo de proporcionar um ensino/aprendizagem voltado para o protagonismo desses alunos, que ele possa se espelhar nas transformações corridas por seus pares dentro da sua sociedade/escola, dando-lhe um papel de autor/ modificador, críticos da identidade atribuída por uma sociedade racista e preconceituosa que encabeça a elite brasileira.

A Escola Estadual Poeta José Sampaio foi fundada em 7 de setembro de 1975, existe alguns desencontros com relação à data de fundação que ocorre pela demora na emissão das portarias, mas essa é a data em que a escola comemora oficialmente seu aniversário perante a sociedade, ela está localizada no município de Carmópolis, distante a 47 km da capital Aracaju. Carmópolis foi desmembrada da cidade de Rosário do Catete em 23 de outubro de 1920. A cidade está ligada ao cultivo da cana-de-açúcar e a escravidão como mão de obra assim como toda a região do Vale do Cotinguiba. Desde 1960 que a cidade é conhecida por sua economia baseada na extração do petróleo, isso faz com que exista um grande número

[16] Segundo Freire a educação deve centrar na realidade do indivíduo, o qual possa lhe dá sentido e incorporá-lo ao seu cotidiano e não apenas receber o conhecimento como um receptáculo do conhecimento assim denominado por ele de bancário.

[17] Para Hall o conceito de identidade assim como de pertencimento a determinado lugar ou comunidade está ligada a uma construção social, ou seja, algo que não é pré-definido sendo assim pode- se usar de diversos discursos para a valorização ou não de diversos aspectos da construção da identidade.

[18] O projeto base para essa pesquisa será o do ano de 2016, por conter uma quantidade significativa de atividades desenvolvidas pelos anos, como também por conseguir integrar as turmas do Ensino Fundamental II, Médio e EJAEM.

de funcionários terceirizados[19] que não tem nenhuma ligação com a cultura local, mas acaba influenciando a comunidade.

Imagem 2- Fachada do Colégio Estadual Poeta José Sampaio em 2022

Foto: acervo pessoal de Maristela Carvalho, 2023.

A escola pode ser classificada como de grande porte, agregando praticamente todas as modalidades de ensino. O CEPJS tem grande importância e influência dentro da comunidade, pois esta faz parte da história não apenas da cidade, mas das famílias também, pois muitos pais, avós, tios e etc. já passaram pela instituição.

A escola conta com 12 salas de aula, auditório, sala de informática, sala de recursos, biblioteca, banheiros, cantina e pátios, sendo que o principal contém um mine palco para a apresentação dos alunos, comumente utilizados nos projetos para a exposição de peças teatrais, saraus e competições esportivas como xadrez, etc.

No ano de 2014 a escola contava com quase todos os níveis de ensino, Fundamental I e II, Médio, Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio (EJAEM) e o Pré-universitário, mas com as novas medidas adotadas pelo governo de Sergipe que visa a encerrar a oferta do Ensino Fundamental I, entregando-o para o município, levando a escola a uma baixa no número de alunos matriculados. Com base no ano letivo de 2021 a escola tinha 842 alunos matriculados, diferente dos anos anteriores que tinha uma média de 1000 alunos.

[19] No início de 1960 foi descoberto um grande poço de petróleo entre as regiões de Carmópolis, Rosário do Catete, Santo Amaro das Brotas e Maruim, fazendo com que o governo do então presidente Castelo Branco optasse por fixar uma base da estatal PETROBAS, no município de Carmópolis, esta acabou trazendo consigo diversas empresas “terceirizadas” que prestam serviços para a mesma.

Atualmente, a escola tem três grandes projetos pedagógicos: Estação Literária, projeto que envolve as áreas de linguagens; a MAQUIFIBI, da área de ciências da natureza e matemática; e a Semana da Consciência Negra, da área de ciências humanas.

O projeto da Semana da Consciência Negra foi implementado em 2009, sendo encabeçado pelos professores de história e geografia. Com o *slogm* "Dai-me Consciência", sinalizando uma proposta de recuperação da história da população local para que eles pudessem descobrir a sua identidade, já que a região é marcada pela presença do Quilombo denominado Patioba no município de Japaratuba, que foi certificado em 12/05/2006 pela Fundação Palmares e a presença dos padres carmelitas que estiveram na região por muito tempo para a domesticação das aldeias indígenas que ainda resistiam em permanecer no Vale do Cotinguiba.

Nos anos seguintes surgiram novas ideias para chamar a atenção da população local para a proposta de ressignificação da identidade negra na escola como a "marcha pela cidade" e, posteriormente, o "desfile da beleza negra", pontos característicos do projeto e que tem o apoio e participação da população local, pois durantes essas atividades a escola estão abertas para a comunidade poder apreciar a produção e criatividade dos alunos.

Por conta das diversas greves dos profissionais da educação, o calendário letivo das escolas da rede estadual não coincidia com o calendário civil, trazendo uma infinidade de contratempos e atropelos para o seu encerramento, sendo assim as edições dos projetos tiveram que sofrer diversos ajustes para poder se encaixa nesse contexto atípico em que o CEPJS se encontrava, foi o caso do ano de 2017, onde os projetos da Consciência Negra e Verão Literário se fundiram, tendo como temática o tema: Consciência Literária, onde o foco principal foi os escritores negros.

Imagem 2 – Logomarca do projeto 2016

Foto: acervo pessoal de Denise da Costa

Imagem 3 – Logomarca do projeto 2017

Foto: acervo pessoal de Denise da Costa

Tomaremos como base os projeto dos anos de 2016[20] que conseguiu agregar todas as atividades das edições anteriores e mais algumas propostas sugeridas pelos alunos e professores. Com a temática "**Negras e negros, iguais a você: diferentes!",** ficou estruturado com formato de gincana, sendo que as turmas, professores (coordenadores e colaboradores)[21], ícones negros e cores de identificação foram divididos/sorteados da seguinte forma:

QUADRO 1 - EQUIPES

EQUIPES	TURMAS	COR DA CAMISA	PATRONOS ÍCONES NEGROS	PROFESSORES COMISSÃO ORGANIZADORA	PROFESSORES COLABORADORES
1ª Equipe	**7º ano B, 8º anos A, B e 9º anos A, B**	***Azul***	**Castro Alves**	***Chris, Maristela, Valdirene, Jamisson***	***George, Abimael, Jandira***
2ª Equipe	**1º ano A, B, C, D e E**	***Laranja***	**João Cândido**	***Paula, Genilce, Anderson***	***Edinei, Lícia, Décio, Nataniel***
3ª Equipe	**2º ano A, B**	***Vermelho***	**João Mulungu**	***Jucá, Anderson, Genilce***	***Clélio, Adriana, Humberto***

[20] Utilizaremos as fotos de outras edições do projeto além das do ano de 2016, já que o intuito de trabalhar a iconográfica do projeto é ajudar no processo de ressignificação da identidade desses alunos através do sentimento de pertencimento ao lugar/comunidade.

[21] Os professores coordenadores são os profissionais da área de humanas, responsáveis diretos pela construção e execução do projeto. Os professores colaboradores são os demais professores da escola, que em parceria ajudam nos demais projetos da escola.

4ª Equipe	**3º ano A, B e C**	***Amarelo***	**Zumbi**	***Jucá, Chris, Daniel***	***Verônica, Gisélia, Almir, Anna***
5ª Equipe	**1º ano F, 2º ano C e 3º ano D**	***Preto***	**Chica da Silva**	***Val, Jaílson, Paula, Daniel, Jamisson***	***Aézio, Anny, Túlio, Marlon, José Oldenil***

Fonte: Projeto Pedagógico da Semana da Consciência Negra 2016, CEPJS.

Para a gincana foram selecionadas 16 atividades que compreendem: dança, teatro, poesia, grafites, entre outras tarefas, essas tarefas têm dias e horários variados para que todos possam participar em algum momento, lembrando que temos alunos do turno da noite que trabalham e os do Ensino Fundamental que são menores de idade e necessitam de autorização dos responsáveis. Para melhor visualização elencamos as atividades no quadro abaixo:

DATA/ HORÁRIO	ATIVIDADE	PONTUAÇÃO
27.10.2016	**CRIAÇÃO DA LOGOMARCA**	**80; 75; 70; 65 e 60 pontos respectivamente.**
10.11.2016 Tarde	**EXPLANAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO GRUPO "UM QUÊ DE NEGRITUDE",**	**Tarefa não pontuada.**
21.11.2016	**ENSAIO FOTOGRÁFICO**	**Tarefa cumprida 50 pontos.**
23.11.2016 Noite	**DESFILE DA BELEZA NEGRA**	**80; 75; 70; 65 e 60 pontos respectivamente.**
24.11.2016 Manhã	**GRAFITE NO MURO DO CEPJS**	**Tarefa cumprida 50 pontos.**
24.11.2016 Noite	**DOC. FILME**	**80; 75; 70; 65 e 60 pontos respectivamente.**
25.11.2016 Tarde/ Noite	**SARAU**	**Tarefa cumprida 50 pontos.**
26.11.2016 Manhã	**GRITO DE GUERRA**	**30; 25; 20; 15 e 10 pontos respectivamente.**
26.11.2016 Manhã	**CARACTERIZAÇÃO DO ÍCONE NEGRO**	**30; 25; 20; 15 e 10 pontos respectivamente.**
26.11.2016 Manhã	**ARRECADAÇÃO DE ALIMENTOS**	**80; 75; 70; 65 e 60 pontos Respectivamente**
26.11.2016 Manhã	**DECLAMAÇÃO DE POESIA**	**30; 25; 20; 15 e 10 pontos respectivamente.**
26.11.2016 Manhã	**QUIS**	**80; 75; 70; 65 e 60 pontos respectivamente.**

26.11.2016 Manhã	**CULINÁRIA**	**30; 25; 20; 15 e 10 pontos respectivamente.**
26.11.2016 Manhã	**DRAMATIZAÇÃO**	**30; 25; 20; 15 e 10 pontos respectivamente.**
26.11.2016 Manhã	**MÚSICA**	**30; 25; 20; 15 e 10 pontos respectivamente.**
26.11.2016 Manhã	**DANÇA**	**30; 25; 20; 15 e 10 pontos respectivamente.**

Fonte: Programação do projeto da Consciência Negra do CEPJS, 2016.

A maioria das tarefas é executada no sábado letivo destinado a culminância do projeto, deixando assim a semana livre para a construção, confecção e ensaios das atividades. Para a organização e realização do Sarau, por exemplo, contamos com os alunos que também fazem parte da Banda de música de Carmópolis e de alguns professores colaboradores que sabem tocar algum tipo de instrumento musical. Para o desfile da "Beleza Negra" a escola é decorada com as "cores" da África, transformando a atmosfera da escola em um lugar de sonhos, realização pessoal e autoafirmação, muitas meninas resolveram aceitar os seus cabelos crespos depois do empoderamento feminino transmitido pelas candidatas à beleza negra da escola, já com os homens a situação ainda é de relutância, não pelo fato de aceitar e expor os seus fenótipos negros, mas pela exposição em desfiles.

Imagem 4 - Sarau do Projeto "CONSCIÊNCIA LITERÁRIA" de 2017.

Foto: acervo pessoal de Denise da Costa

Imagem 5 - Sarau do Projeto “CONSCIÊNCIA LITERÁRIA” de 2017.

Foto: acervo pessoal de Denise da Costa

Imagem 6 – Desfila da “BELEZA NEGRA” 2016

Foto: acervo pessoal de Denise da Costa.

Imagem 7 – Desfile da “BELEZA NEGRA” 2016

Foto: acervo pessoal de Denise da Costa

Imagem 8 – Desfile da “BELEZA NEGRA” 2019

Foto: acervo pessoal de Denise da Costa

Dentro desse panorama de atividades podemos destacar também as de livre criação, a exemplo do grafite, onde os locais a ser utilizado pelas equipes foram anteriormente sorteados, cada turma ficou responsável por criar ou recriar uma imagem que refletisse o sentimento da equipe e enviasse uma mensagem de esperança para a sociedade a respeito do racismo sofrido por eles fora e dentro do ambiente escolar. E book fotográfico, no qual o fotografo era aluno da escola no ano em questão e continua a contribuir com book para o do casal vencedor do desfile da "Beleza negra" da escola, uma atitude de empoderamento da beleza e da realização do sonho de escolher a sua profissão.

Imagem 9 – GRAFITE NA ESCOLA 2016.

Foto: acervo pessoal de Denise da Costa**.**

Imagem 10 – GRAFITE NA ESCOLA 2016.

Foto: acervo pessoal de Denise da Costa

IMAGEM 11 – BOOK DE EMPODERAMENTO DA BELEZA NEGRA- 2016

Foto: acervo pessoal de Denise da Costa

Imagem 12 – BOOK CONTRA O RACISMO - 2016

Foto: acervo pessoal de Denise da Costa

Imagem 13 – BOOK CONTRA O PRECONCEITO RELIGIOSO - 2016

Foto: acervo pessoal de Denise da Costa**.**

A questão racial brasileira apresenta-se como uma temática de elevada relevância para a construção da identidade brasileira, sobretudo, no que diz respeito a uma autoestima

positiva. Entretanto, tal tema permanece restrito a um pequeno grupo de estudiosos e pesquisadores sobre o tema. Prevalece sobre a temática o juízo de valor baseado no senso comum e em ideologias há muito tempo denunciadas, como o mito da democracia racial, a exemplo da teoria da Eugenia, disseminada durante a Segunda Guerra Mundial para embasar a ideologia da raça ariana propagada por Adolf Hitler.

Recentemente os debates acerca da temática sobre as ações afirmativas tem ganhado mais destaque na sociedade e na mídia brasileira[22]; para alguns, as ações afirmativas são apenas uma política de reparar moral e financeira aos negros pelos mais de 300 anos de cativeiro e difamação da cultura negra e seu legado para a formação da sociedade brasileira. Contudo essas ações afirmativas devem ser analisadas como aparelhos para a abertura de um novo tempo na história do Brasil, uma oportunidade de entendimento e de superação frente às desigualdades que estão aprofundados na população brasileira.

Nessa atual conjuntura social os/as estudantes tendem a procurar um suporte na escola onde muitas vezes não conseguem, pois ele não se identifica com o que está sendo exposto pela escola já que esta, muitas vezes, esta reproduz um modelo de caráter excludente da estrutura escolar brasileira, que está envolvida em um processo de branqueamento da sociedade. Observamos que muitos dos alunos negros não se identificam com a escola como um espaço de pertença ou que lhes acrescente qualquer tipo de valores, ou seja, a escola é apenas um ambiente de conhecimento didático e não de vida, por isso é de extrema importância o desenvolvimento de projetos pedagógicos que consigam interagir com o alunado, para que este queira participar e crie um sentimento de pertencimento ao lugar, se sinta importante, protagonista da evolução de seus conceitos/preconceitos para ressignificar a sua cultura.

[22] Recentemente um personagem importante na disseminação de ideologias, ou de formas de enfrentamento de conceitos ultrapassados é o blogueiro(a), uma figura que consegue abranger uma quantidade enorme de visualizações em seus vídeos ou livros em um curto espaço de tempo, transformando assim a forma como recebemos e transmitimos informações, principalmente pela internet.

CAPÍTULO III

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA

Esse manual didático para professores de História é o produto da minha dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória / UFS), que tem como título**:** Identidade negra positiva e Ensino de História no Colégio Estadual Poeta José Sampaio de Carmópolis, Sergipe (2014-2022), e, como sugestão, a aplicação de conteúdos a partir de sequências didáticas, com relação à História e Cultura Afro-brasileira.

Na escola, assim como na vida, todos são diferentes, porém iguais perante a lei. Por isso, existe a necessidade de respeito ao multiculturalismo, colorismo e à diferença de cor e raça. A diversidade racial pode ser compreendida como a coexistência de diversas raças e cores na sociedade. Portanto, é necessário respeitar as diferenças em qualquer contexto social, principalmente na escola, lugar de formação cidadã e de opinião. Acontece que nela não pode ser permitida o crime racial, (PALADINO; ALMEIDA, 2012), pois ainda segundo Santos (2015).

> A prática do racismo tem trazido danos aos negros e aos seus descendentes ao longo dos últimos séculos como desigualdades sociais e políticas impedindo que sejam reconhecidos como pessoas, cidadãos de direitos. No Brasil, desde a década de 1950, estudos têm sido empreendidos para mostrar a realidade de preconceito e discriminação existente no país e durante esta pesquisa, em que buscamos aprofundar e ao mesmo tempo fundamentar este trabalho, pudemos verificar que muitos autores têm debatido a questão do racismo a que a população afrodescendente tem sido exposta ao longo da nossa história (SANTOS, 2015, p. 22).

A cor, o sexo, a raça, o peso, a textura do cabelo, a religião, a região, a linguagem, tudo isso pode ser motivo de segregação das pessoas no Brasil (CECCHETTI; OLIVEIRA, 2009). Na verdade, não há necessidade de estabelecer preconceitos diante das diferenças, justamente por isso é preciso esclarecer para a sociedade que cada ser é um ser historicamente construído e digno de respeito impreterivelmente, pois se trata de um indivíduo digno de direitos plenos; e um deles é o de ser respeitado e não ofendido pela sua raça. Coerentemente,

> Racismo: ideologia que postula a existência de hierarquias entre grupos raciais humanos. Conjunto de ideias e imagens vinculadas aos grupos humanos baseados na existência de raças inferiores e superiores. - Preconceito Racial - Uma indisposição, um julgamento prévio negativo que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos de grupo racial de pertença, etnia, religião. - Discriminação - É o nome que se dá para

> a conduta (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como a raça, o gênero, a idade, a orientação sexual, a opção religiosa e outros. A discriminação racial é tida como a prática do racismo e onde o preconceito se efetiva. - Discriminação Racial - pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam (GOMES, 2005 apud SOUZA; SOUZA, 2008, p. 99).

A questão racial no Brasil é muito discutida, isso porque se trata de um país de cultura heterogênea e de povos diversos. Por isso, é preciso instaurar uma sociedade justa e livre dos preconceitos, pois intolerância e violência racial sempre foi um ato desafiador. Assim, as buscas diante dos processos e respeito à ancestralidade do outro se refazem a cada dia quando se pensa em uma país livre e acolhedor por todos e para todos. É que o dialogismo entre as rotulações de que certa cor é limpa ou suja se torna uma ferramenta discriminatória e pejorativa (CECCHETTI; OLIVEIRA, 2009) no contexto de respeito ao colorismo. Dessa maneira, incluir e respeitar são (e devem ser) garantir o direito de estar em sociedade e de viver livremente.

Portanto, um país preparado para todos e por todos deve ser o imprescindível produto e uma nação justa e igualitária livre de discriminação. Coerentemente, formar cidadãos e escolarizá-los de modo a respeitar as diversidades culturais e de raça são funções importantes e plenas de respeito; embora garantir esse serviço seja ainda um desafio diante do preconceito, da intolerância e violência no Brasil (PALADINO; ALMEIDA, 2012).

Dessa maneira, compreender o multiculturalismo e o preconceito racial precisa ser um ato de compreensões e de coletividade, pois as bases do respeito às diferenças remetem a uma cautela diante de como e quando é possível respeitar. Coerentemente, é necessário que todos os cidadãos brasileiros aprendam que não existe cor fora dos padrões sociais, simplesmente elas são diferentes, como processo de cultura humana (MONTERO, 1996). E a escola em parceria com a família deve ensinar aos educandos que todas as pessoas são dignas de respeito, independentemente da cor da pele (GOMES, 2005). Dessa maneira, é possível asseverar que

> Nós, brasileiros oriundos de diferentes grupos étnico-raciais – indígenas, africanos, europeus, asiáticos –, aprendemos a nos situar na sociedade, bem como o ensinamos a outros e outras menos experientes, por meio de práticas sociais em que relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas nos acolhem, rejeitam ou querem modificar. Deste modo, construímos nossas identidades – nacional, étnico-racial, pessoal –, apreendemos e transmitimos visão de mundo que se expressa nos valores, posturas, atitudes que assumimos, nos princípios que defendemos e ações que empreendemos (SILVA, 2007, p. 491).

Assim, o dialogismo entre as rotulações de que um cidadão é diferente do outro ou inferior não pode ser construído no cotidiano; pois mais precisamente o olhar sobre esses

indivíduos lança focalizações ímpares quando o respeito toma força diante de singularidades no meio social.

Não é possível implantar uma política social sem respeito ao diferente (PALADINO; ALMEIDA, 2012). Todas as raças são importantes para a formação de um país, bem como da humanidade que fortalece as bases da justiça e do respeito ao outro. Destarte, a busca por uma sociedade mais justa e igualitária exige respeito e entendimento de que não há cor errada nem inferior, pois as pessoas carregam direitos plenos de serem respeitadas como de fato são, com suas características, culturas, marcas ancestrais e saberes diversos.

A escola carrega em si o ranço das vinculações sociais no contexto das problemáticas norteadoras quesitos para resolução. O racismo é uma problemática que ainda exige muita discussão. E justamente na escola essa discussão se estende desde o Projeto Político Pedagógico (PPP) até as intervenções pedagógicas voltadas às questões sociais dessa natureza. Nesse contexto,

> Como lidar com a questão racial na escola? Como lutar contra o racismo velado nos estabelecimentos escolares? E como propor práticas pedagógicas para acabar com padrões de discurso dominante no espaço escolar? É necessário apurar o olhar para situações que, de uma forma ou de outra, estimulam manifestações preconceituosas no ambiente escolar. É importante desconstruir, desmitificar e desmistificar ideologias deturpadoras sobre cor e raça e estimular o pensamento crítico, respeitoso e solidário de toda comunidade escolar (BERTOLDO, MALYSZ, 2014, p.3).

Muito já se pensou sobre como pode a educação brasileira intervir sobre o problema do racismo, seja social ou na própria escola. Esta é um espaço ou agência social demandante de abordar problemas que ofendem a sociedade em harmonia. Por muitos anos, o preconceito de cor e raça desequilibra o atendimento aos direitos de viver o respeito pleno em sociedade. A segregação racial, mesmo escondida ou superficialmente exposta, inflama o convívio heterogêneo entre as pessoas, que obviamente são diferentes entre si, mas iguais perante a lei. Segundo Munanga,

> A educação escolar deve ajudar professores e alunos compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-la para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são, com suas características próprias e individualizadoras; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania. (2005 p. 189).

Por outro lado, o ambiente escolar reflete a sociedade contemporânea perpetuante das ações caracterizadoras do racismo estrutural. Este se apresenta como um padrão social de

admitir figura social às pessoas a partir de critérios raciais, como a cor da pele. Assim, o negro tende a ser posto de lado quando se é estabelecido critério de escolha para ocupação de determinados papéis sociais plausíveis. Acontece que desde a criação do comércio de escravos, ser negro tornou-se uma marca de exclusão social, pois a própria sociedade entende ser negro como um desmerecimento para ocupar determinados papeis sociais, padronizando postos ocupáveis por brancos e por pessoas de pele escura. Assim,

> A criança negra aprende que certas atitudes a ela direcionadas são legitimas, já que a referência em sala de aula, a professora (o), se comporta de maneira a silenciar quando procurada pela criança, e assim a criança vai sofrendo violência em sala de aula e a criança branca aprende que pode direcionar tais práticas, já que a os professores se reduzem as atitudes de discriminação racial, a partir de uma postura silenciosa, a uma situação simples, de brigas entre as crianças. (OLIVEIRA, SOUZA; MOURA, 2017, p.12).

Repensar atitudes racista não pode ser uma tarefa somente de agencias sociais jurídicas desenvolvidas por movimentos sociais. A quantidades de alunos que são afetadosnegativamente só por ter cor negra ainda é bastante significativo, mesmo há séculos da aboliçãoda escravatura. As taxas de questões raciais resolvidas ou urgentes para ser resolvidas ainda é alarmante no ambiente escolar. São problemas de xingamentos, bullying e maus-tratos com a pessoa de origem afro. Acontece que

> Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultada colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou conscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade (MUNANGA, 2005, p.15).

A prática pedagógica não pode deixar essa questão de lado, já que a escola configura um meio social coletivo heterogêneo. Há leis de respeito de garantias de discussões sobre as problemáticas de cunho afro. Nesse contexto, a ressignificação da identidade negra na escola pode ser construída a partir da ação intencional das propostas pedagógicas desenvolvidas na prática educacional. Porém, essa atividade interventiva se difunde para a sociedade em que a escola está inserida ou para os lugares onde os alunos moram, suas casas e comunidades. De outro lado, o trabalho educacional e social da escola no quesito de respeito à pessoa de pele

negra ou no combate ao racismo fomenta pautas de cunho social e política em meio aos desafios enfrentado por parte de uma população que é massacrada há décadas. Assim vale saber que

> O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (MUNANGA, 2005, p. 16).

De excluídos a combatentes de comportamentos sociais que desmerecem uma determinada cor de pele e todas as suas difusões culturais por ancestralidade, os povos negros ainda enfrentam problemas significativos em meio à sociedade. Trata-se de desafios em prol do reconhecimento de uma raça sem desmerecimento diante das outras, sem distinção e cumprimento de respeito social em diversas áreas do coletivismo democrático. É que

> A escola, como instituição social responsável pelo processo de socialização, tem um importante papel sobre a formação da consciência histórica educandos, e para desmistificar os estereótipos raciais, os livros didáticos são ferramentas políticas e cultural, disponibilizadas aos professores e aos alunos, que pode colaborar com processo de desmistificação da História do Negro no Brasil, desde que esse recurso não reproduza no uso pedagógico, os conceitos e ideologias de senso comum e da ideologia do branqueamento, onde o negro é visto como sujeitos ex- escravizados pelos europeus e incapazes de "produzir cultura" (SILVA; SOUZA; OLIVEIRA, 2014, p.4).

É justamente nesse contexto social que a escola, como instituição democrática que seja, se insere como uma célula interventiva ao grande divisor de águas entre preconceito e respeito à raça negra. O povo de origem afro não pode deixar de frequentar escolas nem desistirem da educação somente porque lá passam por inferiores, miseráveis ou negros demonizados. Tal quando ainda se repete nos discursos sociais que espelham o ambiente escolar, seja pela própria depreciação social, seja pelo racismo estruturado que macula as propostas educacional ditas democráticas e isentas de segregação.

O foco deste manual didático construído é fazer com que professores e professoras do Ensino Fundamental II Anos Finais, utilizem as sequências didáticas em suas aulas sobre o ensino da História Afro- brasileira. É necessário perceber que a História e Cultura Afro-brasileira é de grande importância para sociedade, pois é a partir dela que nossos/as estudantes se reconhecem como protgonitas da sua história e de sua identidade, ou seja, eles aprendem a analisar e refletir acerca da sua realidade social, política e econômica.

Desta forma, a partir da importância de adicionar as sequências didáticas os conteúdos que tenham relação com o livro didático e a nova proposta do currículo de História em vigor sobre instrução da BNCC, através de conteúdos substantivos, buscamos mostrar caminhos que possam ser seguidos por professores/as no desenvolvimento dessas sequências didáticas.

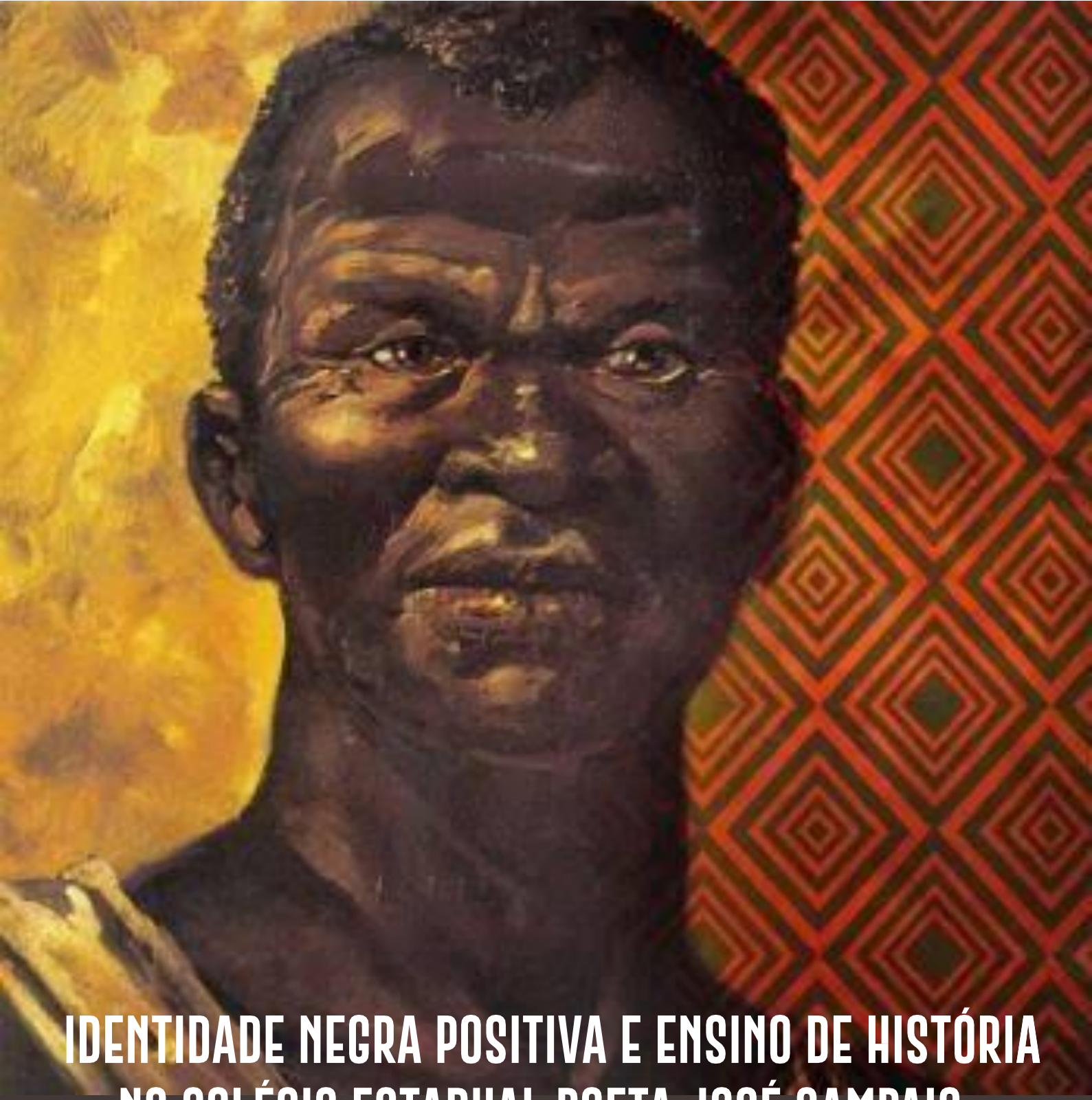
Uma sequência didática pode ser definida como sendo um conjunto de atividades conectadas ao que se pretende ensinar, visando promover a aprendizagem dos alunos, tendo, como base, os objetivos que foram instituídos na sua preparação. Com isso, evidencia-se a importância do planejamento, a fim de que o professor seja capaz de nortear-se com referência aos alunos. Como salientado por Libâneo, "[...] o trabalho docente é uma atividade consciente e sistemática e está ligada às concepções sociais e a experiência de vida dos alunos" (LIBÂNEO, 1994, p. 179).

As sequências didáticas permitem a interdisciplinaridade dos conteúdos, possibilitando aos alunos a serem protagonistas na construção do conhecimento, favorecendo assim o uso do tempo e a sequenciação na construção do conhecimento, sem que este seja necessariamente um ato enrijecido. É sem dúvida, uma metodologia que permite desenvolver os conteúdos de modo que os alunos possam aprender e compreender a sua identidade.

Normalmente, uma pesquisa-ação tem, como finalidade, refletir sobre a própria prática do pesquisador. Nesse sentido, Elliot [23] considera que a pesquisa-ação corresponde a um processo que se altera permanentemente sob a forma de espirais de reflexão e ação, que é composto pelos seguintes elementos: diagnóstico, formulação de estratégias, desenvolvimento e avaliação, ampliação e compreensão, e, a partir daí, retoma-se os mesmos passos.

[23] ELLIOT, J.; ADELMAN, C. *The Ford teachingproject The Ford teachingproject. The Ford teachingproject Cambridge*: Cambridge Institute of Education, 1976.

APÊNDICE



IDENTIDADE NEGRA POSITIVA E ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO ESTADUAL POETA JOSÉ SAMPAIO DE CARMÓPOLIS, SERGIPE (2014-2022)

Maristela Sirqueira Carvalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO (POSGRAP)
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA (PROFHISTÓRIA)

MARISTELA SIRQUEIRA CARVALHO

IDENTIDADE NEGRA POSITIVA E ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO ESTADUAL POETA JOSÉ SAMPAIO DE CARMÓPOLIS, SERGIPE (2014-2022)

São Cristóvão/SE - 2023

SUMÁRIO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 01

SEQUÊNCIA DIDÁTICA I: EXISTE RACISMO NO BRASIL? 02

SEQUÊNCIA DIDÁTICA II: O SINCRETISMO RELIGIOSO NA SOCIEDADE BRASILEIRA 09

SEQUÊNCIA DIDÁTICA III: O EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA 15

SEQUÊNCIA DIDÁTICA IV: RESISTÊNCIA NEGRA NO BRASIL 21

CONSIDERAÇÕES FINAIS 27

REFERÊNCIAS 29

CONSCIÊNCIA NEGRA

Colégio Estadual Poeta José Sampaio

Carmópolis - Sergipe

APRESENTAÇÃO

Querido (a) professor (a), diante de novas perspectivas educacionais acompanhadas pelas mudanças pelas quais a sociedade brasileira vem passando no que tange ao protagonismo discente, ao fortalecimento da cultura digital e da história como objeto de valorização e de manifestação do conhecimento social e do combate ao racismo e ao preconceito religioso, o trabalho pedagógico, muitas vezes, precisa se valer das ferramentas que estão a seu alcance. Por isso, com uma proposta cidadã, emancipadora e libertária, o objetivo do ensino de história na educação básica desenvolvido neste caderno de Sequências Didáticas se vale vídeos e diálogos, bem como do um projeto de consciência negra como instrumento para esse fim, o que culminará na configuração de atividades pedagógicas sobre racismo, diversidade religiosa e empoderamento da mulher negra. Trata-se de uma proposta de atividade na sala de aula com turmas do ensino fundamental maior. Com esta proposta didática, suas aulas podem ficar mais significativas, atrativas e interessantes. Os alunos, depois de assistirem aos vídeos, vão adorar se envolver com o mundo crítico da história a partir de um segmento lúdico. Na verdade, o(a) senhor(a) possibilitará um trabalho em equipe no qual os alunos desenvolverão o protagonismo criativo para criar cartazes e textos. Será uma forma de possibilitar a criticidade discente, conhecendo e aprendendo sobre temas de natureza social e pedagógica. Dessa forma, a aula com os vídeos não será resumida em leitura e resposta de questões. Será possível desenvolver com os alunos o ensino e aprendizagem de história, o protagonismo, a compreensão da história de forma humanizadora e transformadora também. Este manual didático é um produto que visa a ajudar o professor a tornar as aulas de história mais atrativas e lúdicas partindo de um segmento de total liberdade de criação e de busca de conhecimento a partir das aulas de introdução. Justamente por isso, para que os alunos criem tarefas, eles terão de assistir aos vídeos e ouvirem o professor, sendo protagonistas de sua prática, bem como desenvolvendo habilidades próprias de aprendizagem.

Enfim, desejo que o/a senhor(a) possa melhorar bastante sua prática em sala de aula e obter bons resultados a partir da leitura deste caderno. Quero deixar claro que esta proposta pedagógica é possível de adaptações de estudo de qualquer tema no ensino de história. Do mais, é isso. Muitíssimo obrigado e um ótimo trabalho!

MEU CABELO
NÃO É DURO
É DURO
É O SEU
RACISMO

SEQUÊNCIA DIDÁTICA
EXISTE RACISMO NO BRASIL?

1

Escola: COLÉGIO ESTADUAL POETA JOSÉ SAMPAIO
Professora: Maristela Sirqueira Carvalho
Modalidade/Nível de Ensino: 8º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais.
Componente curricular: História

Tema da sequência didática: Educação das Relações Étnico-Raciais

Objetivo Geral
Ressignificar a identidade afrodescendente dos(as) alunos(as) do Colégio Estadual Poeta José Sampaio através da análise das atividades desenvolvidas nas edições anteriores do Projeto da Consciência Negra realizado pela escola.

Objetivos Específicos
- Discutir sobre o racismo e o preconceito como experiências que dificultam a construção de uma sociedade efetivamente democrática;
- Valorizar a descendência negra da comunidade , possibilitando uma conscientização acerca da importância do combate ao racismo presente na sociedade brasileira e que atinge aos membros da referida comunidade;
- Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas. (EF08HI19)

I. Dados da sequência didática

Unidade Temática:
Configurações do mundo no século XIX

Objetos do conhecimento:
- Pensamento e cultura no século XIX: darwinismo e racismo;
- O discurso civilizatório nas Américas, o silenciamento dos saberes indígena e as formas de integração e destruição de comunidades e povos indígenas;
- A resistência dos povos e comunidades indígenas diante da ofensiva civilizatória.

Conhecimentos a serem trabalhados:

- O que é racismo?
- O século XIX e sua importância na difusão de um discurso racista pautado na ciência
- "Eu sou negro?": efeitos do racismo nas trajetórias dos povos africanos e afro-brasileiros.
- "A História que a História não conta": Resistência e da luta do povo negro
- Potências pretas: um olhar positivo sobre pessoas negras em diversas áreas do conhecimento
- Meu território como espaço afro-brasileiro: um olhar sobre a comunidade

Tempo de execução da sequência didática:
04 aulas de 50 minutos.

Materiais necessários:
Datashow, Imagens e Textos impressos.

II. Estratégias e recursos das aulas

O aluno deverá aprender com esta aula a valorizar a sua cultura e reafirmar a sua identidade diante da sociedade.

O professor deverá trabalhar com os alunos conhecimentos prévios de cultura, identidade, racismo e preconceito.

> Querido professor, o foco da aula é sempre dar protagonismo e voz ao aluno. Nos momentos de diálogo, mantenha o controle da aula, mas deixe os alunos discutirem o tema com equilíbrio de voz e organização de esclarecimento de perguntas e explicações de opinião na ordem de falas e esclarecimentos.

Organizar a sala em círculo para o professor avaliar o conhecimento prévio dos educandos e suas concepções acerca dos conceitos de cultura afro-brasileira, identidade, racismo e preconceito. Trata-se de uma aula de introdução, por isso, é preciso observar bem o discurso e as perguntas elencadas nesta Sequência Didática.

ATIVIDADE 1 - AULA 1

O QUE É RACISMO?

O professor poderá iniciar a aula explicando aos alunos a biografia de Charles Darwin e a origem da sua teoria sobre o darwinismo social.

Logo após a leitura do texto e explicação do professor, os alunos deverão assistir ao vídeo abaixo para compreender como a teoria de Darwin foi utilizada para a difusão do discurso de inferioridade de raças pautado na ciência.

Querido professor, procure uma sala de mídia da sua escola que ofereça qualidade nos recursos tecnológicos e que seja onde os alunos assistam aos vídeos com qualidade e conforto. Tente se programar para seus trabalhos pedagógicos. Isso lhe assegura êxito nas atividades desenvolvidas.

Vídeo sobre a **Eugenia e o Darwinismo social**
https://youtu.be/KKpo9LFXvJI Acesso em: 01/04/2021.
Autora: Débora Aladim. Duração: 25 minutos. Ano: 2020

Questões a serem respondidas após o término da exibição do vídeo:

1) O que é a Eugênia? Qual é a função da Eugênia?
2) Quando surgiu a Eugênia no Brasil?
3) Qual a diferença entre os conceitos de raça e etnia?
4) Você acredita que somo todos seres diferentes, e que precisamos segregar as pessoas, maltratando-as, e até as escravizando?

Ao final da atividade abriremos espaço para que os alunos exponham a sua opinião a respeito da criação do discurso racista com os demais grupos. Nesse momento, o professor precisa mante a organização da sala selecionando a ordem de fala.

ATIVIDADE 2 - AULA 2

EU SOU NEGRO?

O professor iniciará a aula entregando o texto indicado para os alunos e após a leitura exibirá o documentário abaixo para a turma com o objetivo de explicar os efeitos do racismo na trajetória dos povos africanos e afro-brasileiros, traçando a resistência e luta dos negros no Brasil.

Texto: **Eu sou negro preta é cor da minha pele e quero a minha parte no brasil** por: Ariovaldo Ramos https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2021/05/eu-sou-negro-preta-e-cor-da-minha-pele-e-quero-a-minha-parte-no-brasil-por-ariovaldo-ramos/ . Acesso em: 01/04/2021

Vídeo: **Ser negro no Brasil: a escravidão como elemento civilizatório** por Jaqueline Conceição. https://youtu.be/yYJSbG7rETY. Acesso em: 01/04/2021
Entrevista do canal Casa do saber com Jaqueline Conceição.
Duração: 9m43s Ano: 2020

Querido professor, é possível deixar os alunos livres para escrever um texto do gênero que preferir, poder ser um poema, uma dissertação, etc.

Após o término da explicação os alunos deverão fazer um texto sobre a importância de sua história e a preservação de sua identidade.

ATIVIDADE 3 - AULAS 3 E 4

UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE

Nessa última etapa, o professor deverá entregar aos alunos fotografias das atividades realizadas nas edições anteriores do projeto e pedir para que eles possam identificar as mudanças ocorridas na comunidade escolar durante e depois das atividades desenvolvidas no projeto.

O aluno deverá selecionar as fotografias que mais se identificou e criar pequenos lembretes de superação/aceitação da sua identidade afro-brasileira.

III. Recursos Educacionais

Leia mais em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/mxMY2DpeTdSaGktDNxu6h84R34PNBRpqFFKVAsBV33hyBpAQG4pKdB4avj/his8-27udn-probematizacao.pdf

https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2021/05/eu-sou-negro-preta-e-cor-da-minha-pele-e-quero-a-minha-parte-no-brasil-por-ariovaldo-ramos/.
Acesso em: 01/04/2021.

Vídeo sobre a **Eugenia e o Darwinismo social.** Disponível em: https://youtu.be/KKpo9LFXvJI Acesso em: 01/04/2021.

Documentário: **Ser negro no brasil: a escravidão como elemento civilizatório** por Jaqueline Conceição. Disponível em: https://youtu.be/yYJSbG7rETY. Acesso em: 01/04/2021.

IV. Avaliação

Os alunos deverão construir um mural com cartazes sobre o fim do racismo e a sua importância do respeito à diversidade para a construção de uma identidade negra positiva.

O mural servirá de base para a criação de uma exposição no pátio da escola com o objetivo de instigar o fim ao racismo na escola.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

O SINCRETISMO RELIGIOSO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Escola: COLÉGIO ESTADUAL POETA JOSÉ SAMPAIO
Professora: Maristela Sirqueira Carvalho
Modalidade/Nível de Ensino: 8º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais.
Componente curricular: História

Tema da sequência didática: Sincretismo religioso no Brasil

Objetivos Gerais

- Promover maior compreensão sobre a religião afro-brasileira.
- Reconhecer a importância da religião africana para a formação da identidade brasileira.

Objetivos Específicos

- Conhecer e reconhecer os elementos das culturas africanas presentes na cultura brasileira.

- Reconhecer a importância da religião africana para a formação da identidade brasileira.

- Identificar as tensões e os significados dos discursos civilizatórios, avaliando seus impactos negativos para os povos indígenas originários e as populações negras nas Américas. (EF08HI27)

I. Dados da sequência didática

Unidade Temática: As religiões de matriz africana.

Objetos do conhecimento:
- As religiões africanas e suas características.
- Sincretismo religioso como forma de resistência a colonização europeia.
- A luta das religiões afro-brasileira pela legalização de suas práticas e cultos.

Conhecimentos a serem trabalhados:
- Religião de origem africana.
- A luta do negro para preservar sua história.
- Sincretismo religioso: a incorporação de elementos do catolicismo na religião Afro- brasileira.

Tempo de execução da sequência didática:
04 aulas de 50 minutos.

Materiais necessários:
Datashow, Imagens e Textos impressos.

II. Estratégias e recursos das aulas

O aluno deverá aprender com esta aula a valorizar a sua cultura e reafirmar a sua identidade diante da sociedade.

O professor deverá trabalhar com os alunos conhecimentos prévios de religião afro e afro-brasileira, intolerância religiosa, racismo e preconceito.

Organizar a sala em círculo para o professor avaliar o conhecimento prévio acerca dos conceitos de cultura afro-brasileira, identidade, racismo e preconceito.

ATIVIDADE 1 - AULA 1

SINCRETISMO RELIGIOSO

O professor pode iniciar a aula com a exibição do vídeo abaixo explicando a importância de conhecer as religiões e respeitá-las.

História das Religiões: religiões de matrizes africanas.
https://youtu.be/eABpXZzP6Is : Acesso em 15/05/2021
Vídeo aula do canal História e Tu sobre religiões de matrizes africanas.
Duração de 10min.49s. Ano: 2020.

Vídeo: **Lavagem do Bonfim**
https://youtu.be/VIZ6B4l1NfA Acesso em: 01/04/2021
Produzido pela TVE e pela cineasta Iara Sydenstricker, documentário "Festa do Bonfim" de 2004, aborda o sincretismo religioso da Lavagem que acontece anualmente na Bahia. Duração: 20min20s.

Questões a serem respondidas após o término da explicação:

1) O que são religiões de origem Africana? Quais são elas?
2) Existe preconceito por parte da sociedade a essa religiões de matriz afro- brasileira e africana?
3) O que é sincretismo religioso? Como ele é caracterizado?
4) O sincretismo faz parte da construção da identidade negra brasileira?

Após a exibição do vídeo o professor iniciará um debate sobre a importância das religiões de origem africana na formação da identidade do povo brasileiro.

ATIVIDADE 2 - AULA 2

A LUTA DO NEGRO PARA PRESERVAR SUA CULTURA

O professor iniciará a aula explicando o que é, e o porquê nasceu o sincretismo religioso no Brasil e suas características na sociedade brasileira.

Logo depois a explicação o professor exibirá os documentários abaixo para melhor demonstrar como funciona o sincretismo religioso, com base nos vídeos o professor traçará a resistência e a luta pelo respeito do povo negro no Brasil para poder viver sua religião.

Documentário da ONU Brasil ESPECIAL: **A Intolerância contra as religiões de origem africana.**
https://youtu.be/tSbl2LwFB1s : Acesso em 15/05/2021
Duração: 11min59s. Ano: 2017.

Documentário: **Umbanda: retratos de fé.**
https://youtu.be/3Rc5Q1KRLh4: Acesso em: 15/05/2021
Documentário da TV Cultura sobre Retratos de Fé: Umbanda.
Duração: 26min11s. Ano: 2021.

O aluno deverá produzir um texto falando sobre a influência da religião afro na formação da cultura brasileira.

ATIVIDADE 3 - AULAS 3 E 4

RELIGIÃO DENTRO DA ESCOLA

Ao final das atividades os alunos deverão construir um mural com cartazes de incentivo ao respeito às religiões de matriz africana e a sua importância para a construção de uma identidade negra positiva.

III. Recursos Educacionais.

Leia mais em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

Documentário: **História das Religiões: religiões de matrizes africanas.**
Disponível em: https://youtu.be/eABpXZzP6Is : Acesso em 15/05/2021.

Documentário: **Umbanda: retratos de fé.**
Disponível em: https://youtu.be/3Rc5Q1KRLh4: Acesso em: 15/05/2021.

Vídeo: **Lavagem do Bonfim.**
Disponível em: https://youtu.be/VIZ6B4l1NfA Acesso em: 01/04/2021.

Documentário: ESPECIAL: **A Intolerância contra as religiões de origem africana.**
https://youtu.be/tSbl2LwFB1s : Acesso em 15/05/2021.

IV. Avaliação

Ao final das atividades, os alunos deverão construir um mural com cartazes de incentivo ao respeito às religiões de matriz africana e a sua importância para a construção de uma identidade negra positiva.

O mural servirá de base para a criação de uma exposição no pátio da escola com o objetivo de instigar o respeito pelas religiões de matriz africana.

Querido professor, procure pesquisar um pouco sobre a lenda dos orixás em sites e blogs, ajudará bastante a despertar curiosidade nos alunos sobre histórias e mitos dos deuses africanos.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA

3

Escola: COLÉGIO ESTADUAL POETA JOSÉ SAMPAIO
Professora: Maristela Sirqueira Carvalho
Modalidade/Nível de Ensino: 8º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais.
Componente curricular: História

Tema da sequência didática: Empoderamento da mulher negra

Objetivos Gerais

- Promover maior compreensão sobre os direitos da mulher/mulher negra no Brasil.
- Reconhecer a importância do empoderamento da mulher negra para a formação da identidade positiva.

Objetivos Específicos

- Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.
- Reconhecer a importância da africanidade para a formação da identidade brasileira.
- Identificar as tensões e os significados dos discursos civilizatórios, avaliando seus impactos negativos para os povos indígenas originários e as populações negras nas Américas. (EF08HI27)

I. Dados da sequência didática

Unidade Temática: A história das mulheres negras no tempo.

Objetos do conhecimento:
- O contexto histórico das mulheres negras nos séculos XVII, XVIII e XIX.
- Concepção/Ideias sobre o Trabalho no contexto histórico – espacial brasileiro/ Sujeitos do Trabalho: mulheres negras.
- Mulheres Negras e o Mercado de Trabalho.
- Conhecimentos a serem trabalhados:
- Surgimento do movimento feminista e seus efeitos na vida das mulheres.
- A luta do negro para preservar sua história.
- A importância do movimento feminista na conquista de espaços e direitos para as mulheres.

Tempo de execução da sequência didática:
04 aulas de 50 minutos.

Materiais necessários:
Datashow, Imagens e Textos impressos.

II. Estratégias e recursos das aulas

O aluno deverá aprender com esta aula a valorizar a sua cultura e reafirmar a sua identidade diante da sociedade.

O professor deverá trabalhar com os alunos conhecimentos prévios sobre a história afro e afro-brasileira, Mecanismos de sobrevivência, racismo e preconceito.

Organizar a sala em círculo para o professor avaliar o conhecimento prévio dos acerca dos conceitos de cultura afro-brasileira, identidade, racismo, preconceito e empoderamento feminino.

ATIVIDADE 1 - AULA 1

REFLETINDO SOBRE A HISTÓRIA DAS MULHERES NEGRAS

O professor pode iniciar a aula com a exibição do documentário abaixo explicando a importância de conhecer a história dos negros.

Subjects of Desere - As Faces da Beleza.
Encontrado na Globo Play : Acesso em 23/07/2023
Duração de 1h10 min. Ano: 2021.

Texto de apoio: https://novaescola.org.br/conteudo/16047/as-principais-conquistas-das-mulheres-na-historia

Questões a serem respondidas após o término da explicação:

1)Quais os conceitos sobre "ser mulher" durante a escravidão? O que mudou com o fim da escravidão?
2)Existe preconceito por parte da sociedade para com as mulheres que trabalham fora de casa?
3)Como a sociedade via a beleza negra? Como a mulher negra era caracteriza?

Após a exibição do vídeo, o professor iniciará um debate sobre a importância das mulheres negras na formação identidade do povo brasileiro.

Querido professor, tente esclarecer para os alunos que na cultura africana as mulheres sempre tiveram o papel de criar, cuidar, cozinhar e reproduzir, porém na mitologia africana as deusas também iam à guerra e atuavam como seres masculinos, não havia restrição.

ATIVIDADE 2 - AULA 2

A LUTA DA MULHER NEGRA PARA PRESERVAR SUA CULTURA

O professor iniciará a aula explicando o papel da mulher na sociedade, analisando sua atuação nos diferentes períodos históricos.

Logo depois a explicação o professor exibirá o documentário abaixo para melhor demonstrar como funciona o movimento feminista, com base nos vídeos o professor traçará a resistência e a luta pelo empoderamento da mulher no mundo e no Brasil.

Título: **A Cor do Trabalho.**
https://youtu.be/4z6uzuCjfTc. Acesso em: 23/07/2023.
Direção de Antônio Olavo.
Duração de 1h14min. Ano: 2014.

O aluno deverá produzir um texto falando sobre a influência da cultura afro para o empoderamento da mulher negra.

ATIVIDADE 3 - AULAS 3 E 4

EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA

Os alunos deverão construir um mural com cartazes de incentivo ao empoderamento feminino e à história de superação da mulher negra para a construção de sua identidade.

III. Recursos Educacionais.

Leia mais em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

https://novaescola.org.br/conteudo/16047/as-principais-conquistas-das-mulheres-na-historia

https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/papgCgudbENFhftuUJwzVeAkkghPNNemcNWWjRbJ5zAWhkQEbsvSsyfvv6DZ/his5-02und01-o-papel-das-mulheres-na-sociedade-e-na-politica.pdf

https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/nNgxfupN2D3UUzZscqym2stf7ByhcrrXmrf7Dv8hfMtxCNkvx3FVfPjeghmp/his5-02und01-mulheres-protagonistas-da-historia.pdf

https://nova-escolaproducao.s3.amazonaws.com/yZTEjRwZFc8UsUGcWU6VHYen74SDHKzpbVjMfXxXFyMgpFtTCNnhaQybBBzm/his5-02und01-imagens-mulheres-protagonistas-da-historia.pdf

Documentário: **Subjects of Desere - As Faces da Beleza.**
Disponível em: GLOBOPAY. Acesso em: 23/07/2023

Documentário: **A Cor do Trabalho.**
Disponível em: https://youtu.be/4z6uzuCjfTc. Acesso em: 23/07/2023.

IV. Avaliação

Ao final das atividades, os alunos deverão construir um mural com cartazes de incentivo ao empoderamento feminino e à história de superação da mulher negra para a construção de sua identidade.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA
RESISTÊNCIA NEGRA NO BRASIL

4

Escola: COLÉGIO ESTADUAL POETA JOSÉ SAMPAIO
Professora: Maristela Sirqueira Carvalho
Modalidade/Nível de Ensino: 8º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais.
Componente curricular: História

Tema da sequência didática: Resistência negra no Brasil

Objetivos Gerais

- Promover maior compreensão sobre os direitos dos negros no Brasil.
- Reconhecer a importância da luta dos negros para a formação da identidade positiva.

Objetivos Específicos

- Compreender a luta dos negros como uma forma de resistência ao racismo e contestação ao regime adotado.
- Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do fim do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas.(EF08HI14)
- Identificar as tensões e os significados dos discursos civilizatórios, avaliando seus impactos negativos para os povos indígenas originários e as populações negras nas Américas. (EF08HI27)

I. Dados da sequência didática

Unidade Temática: Resistência negra no Brasil.

Objetos do conhecimento:
- A importância da resistência negra contra o preconceito racial
- O contexto histórico da luta dos negros para garantir os seus direitos como cidadão brasileiro.
- Concepção/Ideias sobre cidadania brasileira.

Conhecimentos a serem trabalhados:

- Constituição de 1824 e seus conceitos de cidadania.
- A luta do negro para preservar sua história.
- A importância da luta da comunidade negra brasileira

Tempo de execução da sequência didática:
04 aulas de 50 minutos.

Materiais necessários:
Datashow, Imagens e Textos impressos.

II. Estratégias e recursos das aulas

O aluno deverá aprender com esta aula a valorizar a sua cultura e reafirmar a sua identidade diante da sociedade.

O professor deverá trabalhar com os alunos conhecimentos prévios sobre a história afro e afro-brasileira, Mecanismos de sobrevivência, racismo, preconceito e cidadania.

Organizar a sala em círculo para professor avaliar o conhecimento prévio dos alunos acerca dos conceitos de cultura afro-brasileira, identidade, preconceito e cidadania. racismo,

ATIVIDADE 1 - AULA 1

REFLETINDO SOBRE A HISTÓRIA DA RESISTÊNCIA NEGRA

O professor pode iniciar a aula com a leitura do texto abaixo explicando a importância de conhecer a história da resistência negra no Brasil.

Documento: **Artigos da Constituição de 1824.**
https://nova-escolaproducao.s3.amazonaws.com/mq5gdZbV4Ah2AsD6j6jquhWtwhsQB56qMEKCbWb6VUY2M7Wt3qQvQKQ2JV5v/problematizacao-documentos.pdf

Documento: **Conceitos atuais sobre cidadania brasileira**
https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/Dt9GKPPsTHYSAFbnJc9BHNrpmezNsa9DEjj6ykhMBfWyBNHt3Se7dJqWB7aQ/contextodocumentos.pdf

Questões a serem respondidas após o término da explicação:

1)Quais os conceitos sobre cidadania no Brasil?
2)Existe preconceito por parte da sociedade para com a população negra?
3) Quais os requisitos para ser um cidadão brasileiro?

Após a leitura dos textos o professor iniciará um debate sobre a importância dos movimentos de resistência negra na formação da identidade do povo brasileiro.

ATIVIDADE 2 - AULA 2

A LUTA DO NEGRO PARA CONQUISTAR SEUS DIREITOS

O professor iniciará a aula explicando a importância do movimento negro para as conquistas de seus direitos.

Carta Convocatória (Movimento Negro Unificado, 1987).
Disponível em: Carta Convocatória do MNU https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/YjM7mdRrmDBWd8FKwX6atK9RcYEZCzupU7dc6mrWAW4YzRErTQu9Rh3yeY3h/his9- 21und02-carta-convocatoria-do-mnu.pdf. Acesso em: 03/08/2023.

Logo depois a explicação o professor exibirá o documentário abaixo para melhor demonstrar como funciona o movimento negro, com base nos vídeos o professor traçará a resistência e a luta pelo direito dos negros no Brasil.

Título: **MNU: 35 anos de luta contra o preconceito racial.**
https://www.youtube.com/watch?v=erl3uiTqWcM. Acesso em: 03/08/2023. Vídeo História do MNU. (Reportagem da TVT).
Duração de 10min35s. Ano: 2013..

O aluno deverá produzir um texto falando sobre a importância do MNU para a comunidade negra.

ATIVIDADE 3 - AULAS 3 E 4

RESISTENCIA NEGRA E CIDADANIA

Os alunos deveram montar cartazes de incentivo a luta do movimento negro, a conservação de seus direitos e ao respeito a diversidade racial e cultural.

III. Recursos Educacionais.

Leia mais em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

Documento: **Artigos da Constituição de 1824.**
https://nova-escolaproducao.s3.amazonaws.com/mq5gdZbV4Ah2AsD6j6jquhWtwhsQB56qMEKCbWb6VUY2M7Wt3qQvQKQ2JV5v/problematizacao-documentos.pdf

Documento: **Conceitos atuais sobre cidadania brasileira.**
https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/Dt9GKPPsTHYSAFbnJc9BHNrpmezNsa9DEjj6ykhMBfWyBNHt3Se7dJqWB7aQ/contextodocumentos.pdf

Carta Convocatória (Movimento Negro Unificado, 1987).
Disponível em: Carta Convocatória do MNU
https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/YjM7mdRrmDBWd8FKwX6atK9RcYEZCzupU7dc6mrWAW4YzRErTQu9Rh3yeY3h/his9-21und02-carta-convocatoria-do-mnu.pdf. Acesso em: 03/08/2023.

Tìtulo: **MNU: 35 anos de luta contra o preconceito racial.**
https://www.youtube.com/watch?v=erl3uiTqWcM.
Acesso em: 03/08/2023

Vídeo História do MNU. (Reportagem da TVT)
Duração de 10min35s. Ano: 2013.

IV. Avaliação

Ao final das atividades, os alunos deverão construir um mural com cartazes de incentivo ao empoderamento feminino e à história de superação da mulher negra para a construção de sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade da educação brasileira se estende às propostas de conclusão sobre como é possível ensinar em meio às diversas situações pedagógicas existente no universo educacional brasileiro. Nesse contexto, o ensino enfrenta e está inserido nas adversidades pedagógicas cotidianas fadadas ao desrespeito e à desvalorização da diversidade étnica afrodescendente. Justamente por isso, estudar o espaço para entender o cotidiano em volta de si pode e deve ser a maior significância das aulas norteadas por propostas de combate ao preconceito. É que hodiernamente no ensino básica além das técnicas tradicionais de aprendizagem reverberam condições múltiplas alcançadas pela prática pedagógica que sofrem influência direta do preconceito racial.

De acordo com a exploração do tema aqui abordado e discutido, faz-se mensurável compreender que a relevância de discussões pedagógicas atreladas ao currículo como ferramenta de ensino no ensino fundamental também enfrenta as problemáticas de todas as diversas unidades curriculares. De outro lado, também consegue assegurar um ensino autônomo, ao passo que possibilita aos educandos o direito de aprender e atuar em sociedade a partir do que aprendeu em ambiente escolar.

Portanto, um ensino preparado para todos e por todos deve ser o imprescindível produto da escola oferecido aos seus alunos sem segregação de espaço e de tratamento. Formar cidadãos e escolarizá-los são funções importantes e plenas, embora garantir esse serviço seja ainda um desafio. Dessa maneira, ensinar precisa ser um ato de compreensões e de diagnósticos contínuos, pois as bases do ensino remetem a uma cautela diante de como e quando é possível ajudar a aprender. Os melhoramentos da aprendizagem ocorrem quando tudo gira a favor da aquisição sem excluir; e toda a comunidade escolar deve estar a serviço dessa otimização da aprendizagem. É assim, destarte, que uma escola se configura para o atendimento de todos os alunos.

A Base Nacional Comum Curricular é um documento imprescindível, bem como o Currículo de Sergipe, mas a política educacional já deveria ter em pauta que o processo pedagógico se refaz a cada dia, pois ele é adequado à sua necessidade; por isso, existem possibilidades de saber como pode a escola contribuir com a aprendizagem do ensino em diferentes contextos e componentes curriculares. Assim, as aulas de conseguirão, em meios às intervenções, contribuir com o conhecimento e com a formação integral dos alunos.

É possível estudar e ensaiar a prática pedagógica fazendo planos de aula, planos de ação, lendo, assistindo a vídeos e desenvolvendo Sequências Didáticas, como sugerimos aqui, tudo isso ajuda no trabalho pedagógico estratégico. Porém, o que mais precisa ser reconhecido é que os cursos de licenciatura devem preparar os futuros professores para os diversos tipos de escolas, cada uma com sua singularidade e com seus problemas, bem como para cada tipo de aluno. É certo que muitas vezes se fala que muitos professores não ensinam direito porque não querem ou porque o salário é baixo, entretanto há professores que têm como maior problema acreditar que as escolas brasileiras são perfeitas. E eles se assustam com a realidade e se desmotivam ou põem defeitos em diversos fatores que venham a justificar o fracasso dos alunos. Claro que os alunos não aprendem por somente um motivo, pois há muitos fatores que podem atrapalhar a aprendizagem, é justamente por isso que os professores devem estar preparados para enfrentar suas "barreiras" pedagógicas; e o planejamento é uma ferramenta imprescindível para intervir nessa realidade. Está aqui uma orientação pedagógico para desenvolvimento de prática pedagógica que contribui com o ensino de história, podendo ser também modelo para o ensino de outros componentes. Ou seja, vale muito a pena planejar, saber o que vai fazer dentro da sala de aula, para que a prática não fique solta ou jogada à possibilidades desconhecidas; por isso, valorizemos o ensino estratégico, pois ele dá foco à pratica pedagógica.que

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a Auto-estima da Criança Negra. In: MUNANGA, Kabengele (Org.) Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Ensino Fundamental. 2000, p.137-168.

BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). Jörn Rüsen e o Ensino de História. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

BARROS, José D'Assunção & amp; NÓVOA, Jorge. Cinema- história: teoria e representações sociais no cinema. 3. Ed. Rio de Janeiro: Apicuri. 2012.

BENTO, Maria Aparecida S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. Psicologia Social do Racismo. Rio de Janeiro: Vozes, p. 25-58, 2002.

BERTH, Joice. Empoderamento. São Paulo: Sueli Carneiro; Polém 2019.

BERTOLDO, Mario; MALYSZ, Sandra Terezinha. O indivíduo negro na sociedade e o papel da escola na desconstrução do racismo. Versão Online, ISBN 978-85-8015-080-3 – Cadernos PDE, 2014.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: Fundamentos e Métodos. São Paulo. Cortez, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2002.

BONI, M. R. Formação docente para a Lei 10.639/03. In: Seminário de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá: CEFRAPO/SINOP, 2008.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DE 1988. Lei 10.639/2003/2003. Planalto, Brasília, DF, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares. Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2013.

BRASIL. Superando o racismo na escola. MUNANGA, Kebengele- Organizador. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2005.
CECCHETTI, Elcio; OLIVEIRA, Lilian Blanck. Diversidade cultural e cultura da escola: desafios e perspectivas para as DCNs de formação docente em Ensino Religioso. In: Anais III Simpósio Internacional sobre Religiosidades, Diálogos Culturais e Hibridações. Campo Grande/MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, 2009.

CONCEIÇÃO. Maria Dalva da. Por identidade e pertença: processos de autorreconhecimento e afirmação da identidade negra entre estudantes da Escola José Alves de Figueiredo Crato-CE (2011-2018). 2018. 178f. Dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História. Crato, Ceará.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In:_____(org). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte, UFMG, 2001, p. 136-161.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes: o legado da "raça branca". V. 1. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2008.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire / Paulo Freire. [tradução de Kátia de Mello e silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & amp; Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1987

FREITAS, Itamar. Narrativas Históricas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & OLIVEIRA, Margarida Dias de. Dicionário de Ensino de História. Rio de Janeiro. FGV Editora, 2019

GOMES, Nilma Lino. A identidade cultural na pós-modernidade. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. In: FONSECA, Marcus Vinicius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexsandra Borges (Orgs.). Relações étnico-raciais e educação no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. In: Revista Aletria: alteridades em questão, Belo Horizonte, POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, v.06, n.09, dez/ 2002, p. 38-47.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (Org.) Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Ensino Fundamental. 2000, p.137- 168.

GOMES, Nilma Lino. Identidades e Corporeidades Negras: Reflexões sobre uma experiência de formação de professores/as para a diversidade étnico-racial. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis,RJ: Vozes, 2000.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. Revista Brasileira de Educação, n. 21, p. 40-51, set.- dez. 2002.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997. p. 15-46.

JUNIOR, Manoel Henrique Santos da Silva. Ensino de história e a construção identitária afrodescendente em escolas no baixo Cotinguiba sergipano. 2018. 147f. Dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História. São Cristóvão, Sergipe.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática. Goiânia, Editora Alternativa, 2004.

MARTINS. Heloísa Helena T. de Souza. Metodologia quantitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago.2004.

MINAYO, M.C.S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MONTERO, Paula. Diversidade cultural: inclusão, exclusão e sincretismo. In: DAYRELL, Juarez (org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

MORIN, E. O problema epistemológico da complexidade. 3.ed. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 2002.

MUNANGA, Kabengele (Org.). Negritudes: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1998.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Revista Estudos Avançados, 2004. São Paulo, V. 18, no 50, p. 51-66.

MUNANGA, Kabengele. Redescutindo a Mestiçagem no Brasil – Identidade Nacional versus Identidade Negra. Petropólis – RJ: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. Superando o Racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Superando o Racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. O Quilombismo. São Paulo: Editora Perspectiva, Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Alexandre do. Negritude e cidadania: o movimento dos cursos prévestibulares populares. In: ROMÃO, Jeruse (org.). História da Educação do Negro e outras histórias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 139 - 156.

OLIVEIRA, Adja Motta de. SOUSA, Fabiana Leandro de. MOURA, Dayse. Identidade racial na educação infantil. O que pensam as professoras acerca da educação das relações sociais e da construção de uma autoimagem positiva da criança negra? Instituto de Estudos da África. UFPE, 2017.

OLIVEIRA, E. S.; SANTOS, M. A. S.; SILVA, A. G. A. O livro didático: Um Estudo da Abordagem da História do Negro em São Luís do Quitunde. In: VII Semana Internacional de Pedagogia, Alagoas, 2014.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Dicionário de Ensino de História. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

PALADINO, Mariana; ALMEIDA, Nina Paiva. Entre a diversidade e a desigualdade: uma análise das políticas públicas para a educação escolar indígena no Brasil dos governos Lula. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; LACED/Museu Nacional/UFRJ, 2012.

PRADO, M. A. M.; ARRUDA, D.; TOLENTINO, L. O litígio sobre o impensável: escola, gestão dos corpos e homofobia institucional. Bagoas: Revista de Estudos Gays, v. 4, 2009.

QUEIROZ. Jeuédne Eufrázio Araújo. A aplicabilidade da Lei 10.639/03 no processo de construção identitária numa Escola Qilombola em São José da Tapera-Alagoas. 2018. 238 f. Dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História. São Cristóvão, Sergipe.

SANTOS, Clenia de Jesus Pereira dos. A identidade negra no contexto escolar: um estudo na Unidade de Educação Básica Darcy Ribeiro. 2018. 307f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

SANTOS, Regina Celi dos. Contribuições para superar o racismo na escola: valorização pelo re-conhecimento da importância da identidade, história e cultura afro-brasileira. Regina Celi dos Santos – Brasília, 2015.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar História. 2ª Edição, São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Educação, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), set./dez. 2007, pp. 489-506. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/2745-Texto%20do%20artigo-9748-1-10-20080314.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2022.

TELLES, Edward. Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Ford, 2003.